



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**MARILUZA DE ALMEIDA SANTOS**

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE  
AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS:  
DESCORTINANDO INTERFACES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PARA  
A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO**

Amargosa - Bahia  
2018

**MARILUZA DE ALMEIDA SANTOS**

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE  
AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS:  
DESCORTINANDO INTERFACES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PARA  
A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Eurácia Barreto de Andrade.

Amargosa - Bahia  
2018

MARILUZA DE ALMEIDA SANTOS

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE  
AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS:  
DESCORTINANDO INTERFACES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PARA  
A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado (a) em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em 28 / 03 / 18

**BANCA EXAMINADORA**

*Maria Eurácia Barreto de Andrade*

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Eurácia Barreto de Andrade** – Orientadora  
Doutora em Educação pela Universidad Americana - UA  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

*Erica Bastos da Silva*

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erica Bastos da Silva**  
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

*Georgia Nellie Clark*

---

**Prof.<sup>a</sup> Me.<sup>a</sup> Georgia Nellie Clark**  
Mestre em Políticas Sociais e Cidadania pela Universidade Católica do Salvador  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

## **DEDICATÓRIA**

Pelo incentivo, pela paciência, pelo cuidado, pelas bênçãos, pelo amor incondicional e pela vida, dedico este trabalho carinhosamente aos meus pais, que sempre estiveram presentes para realização deste sonho, que é tanto meu quanto deles.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a Deus pelo dom da vida, por ter me permitido chegar até aqui, e por ter tranquilizado o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos meus pais, D. Maria e Sr. Manoel, que acreditaram em mim, e sempre me impulsionaram para minhas conquistas. Pelo apoio, força e amor incondicional. Sem vocês a realização desse sonho não seria possível. Agradecer também a minha família em geral pelo apoio e carinho.

Agradeço ao meu namorado Rubens, que jamais me negou apoio e carinho, sempre me estimulou e compreendeu minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos.

Agradeço também Carla e Rosiane, grandes amigas que nunca negaram um apoio durante minha trajetória. Obrigado pelos inúmeros conselhos, frases de motivação e puxões de orelha. As risadas, que vocês compartilharam comigo nessa etapa tão desafiadora da vida acadêmica, também fizeram toda a diferença.

Agradeço a todos os professores que contribuíram com a minha trajetória acadêmica, e em especial a minha orientadora Prof. Dr. Maria Eurácia Barreto de Andrade, pela oportunidade, incentivo e apoio na elaboração deste trabalho. Manifesto aqui minha gratidão eterna por compartilhar sua sabedoria, o seu tempo e sua experiência.

Enfim, agradeço a todos que direta, ou indiretamente fizeram parte da minha formação. O meu muito obrigado e minha eterna gratidão.

## **EPIGRAFE**

*Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado [...] O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1979).*

SANTOS, Mariluz de Almeida. **A influência da família no processo de aquisição da escrita das crianças: descortinando interfaces entre família e escola para a conquista da alfabetização.** Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Bahia, 2018.

## RESUMO

Este trabalho consiste em uma reflexão sobre a participação da família no processo de alfabetização dos filhos, tendo como objetivo compreender de que forma a participação da família pode ajudar no processo de aquisição e apropriação da leitura e da escrita dos filhos. Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por alunos, pais e professora. Para isso foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa, com delineamento em estudo de campo. Para a coleta dos dados foram utilizados a observação, entrevista, estudo de documentos e um diagnóstico de leitura e escrita. Em toda a pesquisa, a abordagem teórica e conceitual foi fundamentada, principalmente, nos estudos de Andrade e Estrela (2016), Paro (2000), Perez (2007), entre outros que contribuem para ampliar as discussões sobre a temática. Foi possível constatar que através dos dados da pesquisa que a participação da família e as práticas de letramento do cotidiano ajudam no processo de aquisição da escrita e da leitura das crianças. Em síntese, a pesquisa aponta que a participação da família influencia diretamente no desenvolvimento acadêmico dos filhos. Assim percebe-se a necessidade de estabelecer uma relação entre a escola e a família, a fim de favorecer melhores resultados no difícil processo de apropriação e consolidação da alfabetização. A intenção é que esta investigação forneça subsídios sobre o tema em questão trazendo contribuições significativas que possam promover um repensar a urgência da aproximação da escola com a família.

**Palavras – chaves:** Alfabetização. Família. Escola. Relação família e escola.

SANTOS, Mariluz de Almeida. **The influence of the family in the process of acquisition of children's writing: unveiling interfaces between family and school to achieve Alphabetization.** Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Bahia, 2018.

### **ABSTRACT**

This paper consists of a reflection on the participation of the family in the process of children's literacy, in order to understand how the participation of the family might help in the process of acquisition and appropriation of children's reading and writing. The investigation subjects were constituted by students, parents, and teacher. For this purpose, a research with a qualitative approach was carried out, with a field study design. For collecting the data was used observation, interview, a study of documents and a diagnosis of reading and writing. Throughout the research, the theoretical and conceptual approach was based mainly on Andrade and Estrela (2016), Paro (2000), Perez (2007) studies, among others that contribute to amplify the discussions on the subject. It was possible to verify that through the research data that the participation of the family and daily literacy practices help in the process of acquiring children's writing and reading. In short, the research indicates that the participation of the family directly influences the academic development of the children. Thus, the research shows the necessity to establish a relationship between the school and the family, in order to promote better results in the difficult process of appropriation and consolidation of literacy. The intention is this investigation provide subsidies about the issue in question bringing significant contributions that may promote a rethinking of the urgency of the approach of the school with the family.

**Keywords:** Alphabetization; Family; School; Family and school relationship.

## LISTA DE SIGLAS

CNBB	Conselho Nacional dos Bispos do Brasil
IEA	Associação Internacional para Avaliação das Realizações Educacionais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PNAIC	Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Escrita de Crisântemo.....	62
<b>Figura 2.</b> Escrita de Jasmim.....	62
<b>Figura 3.</b> Escrita de Cravo.....	63
<b>Figura 4.</b> Escrita de Lírio.....	63
<b>Figura 5.</b> Escrita de Margarida.....	63
<b>Figura 6.</b> Escrita de Girassol.....	63

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Identificação das formas de apoio utilizada pelas famílias.....	56
<b>Quadro 2.</b> Concepções das famílias sobre quais ações considera importante para que a criança se desenvolva na escola. ....	59

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Nível de escrita dos estudantes .....	61
<b>Tabela 2.</b> Nível de fluência nas leituras dos estudantes .....	65
<b>Tabela 3.</b> Nível de compreensão leitora dos estudantes .....	66

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 FAMÍLIA, ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO: BORDANDO ABORDAGENS CONCEITUAIS, HISTÓRICAS, LEGAIS E PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>18</b>
2.1 Família e infância: uma abordagem histórica e conceitual.....	18
2.2 Alfabetização e letramento: uma imersão conceitual.....	23
2.3 Processos de aquisição da leitura e da escrita: entrecruzando possibilidades e desafios.....	28
2.4 A leitura e a escrita vivenciada no cotidiano familiar e suas implicações na sala de aula .....	33
2.5 A importância da relação família e escola para o desempenho da leitura e da escrita das crianças: reflexões e discussões.....	37
<b>3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>43</b>
3.1 Abordagem metodológica da pesquisa.....	44
3.2 Procedimentos de coleta e análise dos dados.....	46
3.3 Caracterização do campo e dos sujeitos da pesquisa .....	48
<b>4 A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO: DESCORTINANDO SABERES, NARRATIVAS E CENAS NO COTIDIANO DA ESCOLA E DA FAMÍLIA .....</b>	<b>51</b>
4.1 A participação da família no processo de alfabetização dos estudantes: coma a palavra pais e professores .....	51
4.2 A contribuição dos pais no processo de aquisição da escrita e da leitura dos filhos: uma incursão no cotidiano familiar .....	55
4.3 A participação dos pais no processo de alfabetização dos filhos: uma relação possível? .....	60
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS .....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES .....</b>	<b>78</b>
<b>APÊNDICE E - DIAGNÓSTICO COM OS ESTUDANTES .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE F - TEXTO UTILIZADO PARA O DIAGNOSTICO DE LEITURA .....</b>	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta monografia mergulha na discussão acerca da importância da família no processo de alfabetização dos filhos. Apesar da alfabetização ser um processo realizado predominantemente na escola, é possível pensar que a ajuda da família em casa, pode ser significativa para estreitar os caminhos da conquista da leitura e da escrita e fortalecer a relação ente a escola e família.

As principais motivações desta pesquisa foram de âmbito pessoal e acadêmico. A primeira se deu, porque meus pais estiveram sempre presentes em minha vida escolar, acompanhando e ajudando nas atividades de casa. Minha mãe, que é alfabetizada, me ajudava incentivando e ensinando a fazer as atividades de casa, observando o meu caderno e visitando periodicamente a escola. Já meu pai, apesar de não ser alfabetizado, sempre acreditou na educação e contribuiu de forma significativa no acompanhamento da escola, participando de reuniões e frequentemente visitando a escola para saber como estava o meu desempenho. Mesmo não sabendo ler e escrever, diariamente perguntava se tinha alguma atividade para ser feita e criava momentos para que todas as tarefas de casa fossem realizadas. Assim, com minha experiência pessoal, foi possível perceber que esse acompanhamento foi de fundamental importância para qualificar o meu processo de alfabetização e, sobretudo, minha permanência na escola.

Ampliando essa discussão, a segunda motivação para desenvolver esta pesquisa surgiu no decorrer do curso de graduação em pedagogia, em uma experiência em sala de crianças em processo de alfabetização, observei que alunos, cursando a mesma série, estavam com níveis de conceitualização de escrita diferentes. Com a volta da professora, questionei o motivo dessa diferença na aprendizagem das crianças. Ela respondeu dizendo que acreditava que os que estavam mais desenvolvidos na escrita, tinham acompanhamento em casa dos pais. Apesar de saber que a sala de aula é um espaço heterogêneo, em que os educandos aprendem em tempos diferenciados, quero investigar a fala desta professora, para compreender se de fato o acompanhamento dos pais pode auxiliar no processo de alfabetização dos educandos. Essa realidade observada, somada com a experiência vivida na infância, me motivou a desenvolver a pesquisa intitulada: A influência da família no processo de aquisição da leitura e da escrita das

crianças: descortinando interfaces entre família e escola para a conquista da alfabetização.

Sobre a temática em pauta, a contribuição de Paro (2000) e Andrade e Estrela (2016), trazem algumas reflexões que demonstram como os pais, no seu cotidiano familiar e de maneira simples, podem ajudar no desenvolvimento escolar dos filhos. Traz a importância de os pais terem um ambiente de leitura (seja ele por livros ou contação de histórias oralmente), ajudar nas tarefas escolares, fazer simples conferência do caderno, procurar estar presente na escola, acompanhando o desempenho dos filhos e procurar participar das decisões da escola, são ações simples que contribuem de forma grandiosa para a qualificação do processo de aquisição da leitura e da escrita. Os referidos autores também discutem a importância da escola estreitar a relação com a família, para que os pais possam se sentir acolhidos e possam, sobretudo, contribuir com possíveis decisões do âmbito escolar. Essas abordagens coadunam com o tema proposto neste estudo, revelando que a participação da família no processo escolar dos filhos é de fundamental importância por poder contribuir no desenvolvimento e no sucesso escolar, despertando ainda mais a vontade de pesquisar e descobrir novas contribuições em relação ao tema.

Andrade e Estrela (2016) apresentam resultados de pesquisa realizada com famílias e escola<sup>1</sup> em que demonstram que o nível de escrita e de leitura dos educandos podem variar de acordo com a ajuda dos pais nas atividades escolares. Na referida pesquisa foi observado que as crianças com níveis mais elevados de escrita e de fluência na leitura são, em grande parte, as que contam com acompanhamento da família. Isso revela, segundo Andrade e Estrela (2016, p. 182) que “[...] o acompanhamento familiar é um fator de grande influencia para a promoção da leitura dos estudantes e, conseqüentemente, para o desempenho escolar”.

Estes dados, segundo Andrade e Estrela (2016), reafirmam algumas pesquisas realizadas, dentre as quais destacam-se Heath (1992, 1993), Perez (2007), Purcell-Gates (2004), Lahire (1997), Espíndola e Souza (2011), Joly (1999) por

---

<sup>1</sup> A referida pesquisa foi realizada em uma escola do campo, contemplando duas turmas do terceiro ano do Ensino Fundamental. Teve como sujeitos da investigação gestores da escola, professoras das turmas, crianças envolvidas e suas respectivas famílias. Os dados possibilitam inferir que quanto maior o envolvimento das famílias no processo de escolarização das crianças, o nível de compreensão e aquisição da escrita e da leitura também aumenta de forma visível.

considerarem a participação familiar como importante para fortalecer o processo de leitura e escrita das crianças.

Pensando no estreitamento da relação entre escola e família para facilitar o processo de alfabetização, esta pesquisa tem como problema que move o estudo, a seguinte questão: até que ponto a participação da família pode auxiliar no processo de aquisição e apropriação da leitura e da escrita dos filhos? Para tanto, a pesquisa tem como objetivo geral: compreender se de que forma a participação da família pode ajudar no processo de aquisição e apropriação da leitura e da escrita dos filhos. Deste objetivo geral e do problema em pauta, foram delimitados os objetivos específicos em três, os quais ajudam a responder os questionamentos deste estudo: **I-** Compreender as concepções dos pais e professores acerca da participação da família no processo de aquisição da leitura e escrita dos estudantes; **II-** Identificar como os pais ajudam os filhos no processo de aquisição da leitura e da escrita; **III-** Entender qual a relação da participação da família na trajetória de alfabetização dos educandos.

Para discussão da temática foram usados os seguintes teóricos: Andrade e Estrela (2016), que enfatizam a necessidade de criação do ambiente escolar propício em que os pais se sintam bem acolhidos, para que possam entender a importância da sua participação na alfabetização dos filhos, desde ajudar nas tarefas de casa, até contribuir na escola ajudando nas decisões, possibilitando assim que os pais entendam que de maneira simples eles podem estar ajudando tanto em casa como na escola. Paro (2000), que traz a discussão através de uma pesquisa, que constatou a reclamação dos professores pela falta dos pais no ambiente escolar. Discorre sobre o que leva esses pais a não frequentar a escola, e qual o método utilizado por eles para possivelmente ajudar os filhos na aprendizagem. Perez (2007) destaca que a escola e a família são agências sociais que estão envolvidas no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, por isso a relação ente estas duas instancias educativas possibilitam que as ações sob a criança sejam planejadas de tal forma que contribuam para a sua aprendizagem. Nogueira, Romanelli e Zago (2007) descrevem que as famílias populares participam da construção do sucesso escolar dos filhos de maneira diferenciada, cada família usa do meio que está ao seu alcance para fortalecer e potencializar os estudos dos filhos, podendo ser uma ajuda direta ou superficial. Todos os autores acima citados discutem e enfatizam a construção da relação escola-família e família-escola,

constatando que essa interação tem trazido grandes contribuições para a aprendizagem dos alunos-filhos.

Na metodologia para obtenção de resultados foi utilizada a pesquisa de abordagem qualitativa, com delineamento em estudo de campo, de caráter exploratório-descritivo. Para coleta de dados foi utilizado os seguintes instrumentos: observação participante, análise de documentos feita com os cadernos dos educandos, entrevista que foi feita com os pais dos respectivos educandos observados em sala e um diagnóstico de leitura e escrita com os estudantes. Toda pesquisa foi realizada na Escola Bernardino José de Souza em uma classe de Educação Infantil ao 2º ano do Ensino Fundamental, localizada na Zona Rural do município de Mutuípe-BA.

Esta monografia está estruturada em cinco capítulos: O primeiro com a Introdução, que contempla uma abordagem panorâmica da pesquisa. O segundo, intitulado “Família, escola e suas implicações no processo da alfabetização e do letramento: abordando abordagens conceituais, históricas, legais e pedagógicas”, que faz uma abordagem dos conceitos de família e infância ao longo da história, com reflexões importantes para a compreensão destas duas instâncias no momento contemporâneo. Em seguida faz-se um amplo aporte conceitual da alfabetização e do letramento, a fim de refletir sobre as diferenças e, ao mesmo tempo, a necessidade de articulação na prática pedagógica, uma vez que devem ser indissociáveis e complementares. Além disso, apresentam-se algumas possibilidades e desafios dos processos de aquisição da leitura e da escrita, à luz de teorias atuais que legitimam um fazer pedagógico articulado as práticas sociais, para, em seguida fazer uma abordagem das vivências cotidianas de leitura e da escrita no universo familiar e suas implicações na sala de aula. Por fim, apresentam-se reflexões acerca da importância da relação família e escola para o desempenho da leitura e da escrita das crianças.

O terceiro, “Caminhos metodológicos da pesquisa”, que contempla a abordagem metodológica que foi utilizada na pesquisa. Uma descrição dos procedimentos de recolha e análise dos dados, fazendo uma explicação dos instrumentos que foram utilizados na recolha dos dados. Finalizando com caracterização do campo e dos sujeitos da pesquisa, com uma breve descrição do *locus* da pesquisa, dos sujeitos e os motivos para escolha destes.

E, o quarto capítulo, foi dedicado a análise, reflexão e tratamento dos dados recolhidos no campo empírico, sendo intitulado “A conquista da alfabetização: descortinando saberes, narrativas e cenas no cotidiano da escola e da família. ” Nele, é feita uma análise a partir das falas dos pais e professora a respeito de suas concepções sobre a participação da família no processo de alfabetização dos estudantes. Em seguida faz-se uma interpretação dos dados colhidos, sobre quais são as práticas dos pais no cotidiano familiar que contribui para o processo de aquisição de leitura e escrita dos filhos. Concluindo com a discussão, através da comparação dos dados colhidos nas entrevistas com os diagnósticos realizados com as crianças, de que se é possível a participação dos pais no processo de alfabetização filhos, influenciar no desenvolvimento da leitura e escrita dos estudantes. E, no quinto capítulo as Considerações finais, trazendo os achados da pesquisa.

Nesta pesquisa, foi realizada uma ampla investigação das contribuições da família para o processo de alfabetização dos filhos. A partir dessa pesquisa será possível pensar proposições que contribuam para que a escola e os pais trabalhem juntos para a melhoria na qualidade do processo de aprendizagem dos educandos, contribuindo para a construção de uma educação mais participativa em que haja uma relação mais estreita da família e da escola.

## **2 FAMÍLIA, ESCOLA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO: BORDANDO ABORDAGENS CONCEITUAIS, HISTÓRICAS, LEGAIS E PEDAGÓGICAS**

Falar sobre a relação família-escola têm se tornado cada vez mais frequente na educação. Essa relação tão comum, mas que ainda tem seus resquícios, nos leva a tentar compreender qual o papel de cada uma das instituições e como uma pode auxiliar a outra no processo de aprendizagem dos filhos/alunos. Pensar uma alfabetização que valorize os valores significativos para as crianças, é conhecer e compreender o contexto familiar e cultural ao qual ela pertence. Assim será possível desenvolver as habilidades já adquiridas e fazer com que ela visualize um novo leque de conhecimentos, que serão construídos junto com a escola e a família.

Este capítulo contempla uma abordagem histórica do processo de construção do conceito de família, de infância e o início da escolarização que começa na Idade Média. Dando continuidade com um breve recorte histórico da alfabetização no Brasil e a apresentação de conceitos referentes ao processo de alfabetização e letramento.

Respaldada em discussões teóricas faz-se uma abordagem sobre o processo de aquisição da leitura e escrita, pensando suas possibilidades e desafios; as práticas de escrita e leitura no contexto familiar e como essas práticas influenciam no processo de alfabetização das crianças. E, por fim, a discussão da relação família-escola e da importância dessa relação no processo da aquisição de leitura e escrita.

### **2.1 Família e infância: uma abordagem histórica e conceitual**

Refletir acerca da família e da infância sugere, inicialmente, um mergulho no seu movimento conceitual e histórico de modo que se possa compreender todo o percurso trilhado. Para tanto, é imprescindível trazer os estudos de Ariès (1986) para respaldar as reflexões, o qual apresenta esse movimento de forma temporal. Para o autor, desde a Idade Média e durante muito tempo não se tinha um sentimento de família e de infância. Naquele período entendia-se família como um contrato de casamento onde incluía-se o marido, a mulher e os filhos, que se uniam aos outros parentes. O sentimento desenvolvido era de linhagem e sucessão, ou seja, era

representada como idades da vida em que cada componente da linhagem era representada separadamente, sendo que cada fase era vista de forma separada, representando que não havia ligação entre elas.

O autor afirma que os hábitos dessa estrutura de família eram muitos ligados às funções religiosas. A partir do século XVI, a duração da vida é representada pela hierarquia onde entende-se que as idades são ligadas umas às outras, perpassando por todas elas, com todos os componentes, valorizando as diferentes idades presentes; só depois deste momento começa o sentimento de família.

Ariès (1986) ainda esclarece que naquele momento histórico a família era representada por pais e filhos, mães e filhas e também os criados que eram considerados como parte da família. Neste mesmo século também houve o desligamento da família as funções religiosas, os cultos aos santos passam a ser cultos as famílias. Esse sentimento de família começa no século XVI-XVII e se mostra inseparável do sentimento de infância, iniciando na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Dessa forma, “[...] A família transformou-se profundamente na medida em que modificou suas relações internas com a criança” (ARIÈS, 1986, p.225). Através desse sentimento de infância, a família, portanto, passa a enxergar a criança de maneira diferente incluindo-a no contexto familiar.

Na Idade Média, segundo Ariès (1986), não havia um reconhecimento da importância da criança, ela era considerada como um adulto em miniatura. As artes medievais em suas pinturas representavam a criança como um adulto pequeno; em seus rostos não tinham as feições da infância (criança), mas sim os rostos de adultos em corpos com o tamanho pequeno. Isso acontecia porque as pessoas consideravam a idade da infância como passageira que logo seria passada e também logo seria esquecida. Essa idade da vida era ligada a ideia de dependência, em que a criança não dominava a fala e nem tinha condição de cuidar de si próprio. A partir do século XIII surgem os registros de pinturas em que aparecem algumas crianças com os rostos já não com a aparência tão forte como os adultos.

As aparências de crianças começam a aparecer nos quadros ligados a religião, onde eram pintados a imagem do menino Jesus ou da Virgem ainda em sua infância. Também eram pintadas em quadros ligados aos leigos que representavam o cotidiano da família, em que as crianças não eram o centro da pintura, mas que faziam parte do cotidiano dos adultos. Não se tinha o interesse de fazer registros de quadros com a centralidade nas crianças porque, segundo Ariès (1986, p.56) “[...] a

infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; [...]” por isso não existiam lembranças dos filhos pequenos e nem daqueles que já haviam morrido. A morte de uma criança era considerada como algo natural em que não se tinha o sentimento de perda.

No século XVI acontece um marco importante para o sentimento da infância, segundo Ariès (1986) surge os retratos das crianças mortas. Inicialmente essas crianças não eram pintadas sozinhas, mas no túmulo de seus pais. Esse marco é importante porque já começa o interesse para que as crianças tenham um espaço maior nas pinturas. No meado deste mesmo século, cria-se o costume de fazer pinturas da família para doar as igrejas; nessas pinturas havia a imagem da família completa, até mesmo das crianças que já haviam morrido. A partir do século XVII, cada vez mais a quantidade desses quadros torna-se maior, criando-se o hábito de ter registradas as características marcantes das crianças, onde agora elas apareciam sozinhas. Depois desse auge da criança nos quadros, toda família queria ter um quadro dos seus filhos ainda como crianças, sentimento esse que temos até hoje. Essa descoberta da infância possibilitou o cuidado com a saúde e a higiene das crianças, evitando a mortalidade infantil.

Podemos perceber que o sentimento de infância começa no século XIII e se concretiza por volta do século XVII. A partir desse momento, a infância começa a ser valorizada e reconhecida como um momento importante da vida.

Na Idade Média o serviço doméstico era visto com uma forma de educação, logo a educação das crianças se dava através das atividades vivenciadas no cotidiano familiar, para isso elas eram enviadas para casa de outras famílias, a fim de uma apropriação de aprendizagens como, por exemplo, de um ofício e se portar como um cavaleiro. Para Ariès (1986), essas crianças que iam para casa de outras famílias eram chamadas de aprendizes. Isso acontecia porque a forma de transmissão de uma geração para outra era pelo contato das crianças na vida dos adultos, para que estas se apropriassem. Não se construía naquele momento um sentimento nas famílias, pois a criança deveria ser mandada para outro contexto doméstico e, portanto, não devia apegar-se a ela.

Diante deste contexto apresentado, só a partir do século XV, a educação passa a ser provida mais pela escola, a qual passa a ser instrumento da passagem da infância para vida adulta. Com a escola vista como principal meio de educação, as famílias deixam de mandar seus filhos para outras famílias e passam a mandá-los

para a escola. Isso possibilitou uma maior aproximação da família com as crianças, que segundo Ariès (1986) a escola “[...] correspondia ao mesmo tempo a essa necessidade de educação teórica, que substituía as antigas formas práticas de aprendizagem, e ao desejo dos pais de não afastar muito as crianças, de mantê-las perto o mais tempo possível [...]” (ARIÈS, 1986, p. 233).

Esse acontecimento possibilitou uma transformação na família, que passa a se concentrar nas crianças, criando assim um relacionamento entre pais e filhos. As famílias passam a assumir as responsabilidades sobre as crianças, no papel de que não é só passar os hábitos dos adultos, mas que é preciso aconselhar e verificar as condutas das crianças. Esse sentimento moderno de família no século XVIII, fazia com que esse espaço da família fosse um porto seguro, em que não havia uma invasão do mundo era uma vida particular de cada família. O sentimento de particularidade é desenvolvido por a família se restringir aos pais e filhos, deixando o antigo formato onde os criados e amigos próximos eram incluídos. Os filhos passam a ser tratados sem desigualdade pelos pais que passam a pensar mais ainda na educação e futuro dos filhos. Segundo Ariès (1986), as famílias tornaram-se uma sociedade fechada entre os membros.

A família na passagem da Idade Média para a Moderna incide por várias mudanças e alterações como foi demonstrado acima. Na Pós-moderna também há uma mudança nos cotidianos e valores. As famílias do início do século XX segundo Moreira e Carvalho (2008) eram numerosas, com muitos filhos, onde a convivência entre as diversas gerações eram constantes. Para as crianças de classe média o tempo era usado com brincadeiras e atividades, e as de classes populares trabalhavam com os pais. As famílias eram econômicas no vestir e na alimentação e os valores morais são passados fortemente aos filhos. Com o decorrer dos anos, percebe-se algumas alterações, principalmente entre as décadas de 1930 e 1980. Nessa época as famílias começam a diminuir o número de filhos, preocupados com a economia e o lazer da família; as crianças de classe média passam a brincar com jogos pedagógicos, a praticar esportes, a brincadeira de rua só continua para as crianças das camadas populares.

Moreira e Carvalho (2008) relatam que os valores transmitidos também passam por alterações. Nas décadas de 1930 e 1940 a mãe deveria ter autoridade para controlar o filho, mas não podia esquecer de ser carinhosa, todos deviam cuidar da família e existia uma grande preocupação para alimentação, saúde e

roupas das crianças. Nas décadas de 1950 e 1960 a mãe passa maior tempo em casa com seus afazeres; corrige as crianças, mas a punição é responsabilidade do pai. Já nas décadas de 1970 a 1990 há valores e contra valores, a autoridade e exigência excessiva dos adultos é criticada e as crianças passam a frequentar a escola mais cedo. Nota-se uma ausência de regras no interior da família e na sociedade e o aumento da liberdade de expressão. Os gastos do cotidiano também aumentam, estabelecendo um aumento do trabalho para ser compatível com os gastos.

As transformações do cotidiano da estrutura da família são influenciadas pelas mudanças econômicas e estruturais da sociedade, alterando a formação tradicional. Segundo Andrade e Estrela (2016, p. 16) “[...] a instituição familiar, apesar de ser umas das mais antigas, conseguiu se adequar às mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas, alterando de forma significativa suas relações e composição de papéis, formando novos arranjos<sup>2</sup>”. Sendo assim, é possível analisar na atual sociedade as diversas formas de organização das famílias existentes, desde a mais tradicional, como a nuclear, até a mais contemporânea.

Essa capacidade da instituição familiar se adequar as diversas mudanças da sociedade faz com que as famílias pós-modernas tragam os traços da mistura de várias culturas e estruturas familiares, “[...] mães trabalhadoras, famílias de dois salários, de pais solteiros ou divorciados, de homossexuais e famílias recasadas [...]” (MOREIRA E CARVALHO, 2008, p.199). Essas diversas formas de acolhimento que formam a família passam por incertezas relacionadas ao emprego, a o relacionamento conjugal fazendo com que em alguns casos os integrantes da família dividam as responsabilidades com os parentes mais próximos, seja para ajuda financeira ou o cuidado dos filhos. A ajuda de parentes mais próximos torna-se indispensável com a inserção da mulher no mercado de trabalho, que agora passa menos tempo cuidando da família. Por sua fundamental importância na sociedade Andrade e Estrela ressaltam que

[...] a família enquanto um grupo social que assume diversas funções e é sustentado por sentimentos de amor, cuidado e proteção, uma instância que sofre influência dos mais variados âmbitos e desempenha funções sociais imprescindíveis para o andamento da sociedade[...] (ANDRADE e ESTRELA, 2016, p.18).

---

<sup>2</sup> Foram elencados os seguintes arranjos: família nuclear, família patrifocal, família matrifocal, famílias reconstituídas e famílias homoafetivas.

A família é a estrutura onde todas relações são construídas, ela é de fundamental importância para o desenvolvimento das pessoas, onde é formado o caráter e inicia-se a preocupação para formação profissional. Além do amor e do carinho é necessário um conjunto de regras para que haja uma boa convivência por parte dos integrantes, pois a formação cidadã começa desde casa. Nas famílias há uma grande preocupação com a escolarização das crianças, que foi herdado desde a Idade Média em que já se tinha uma preocupação com sua aprendizagem, sendo que até os dias atuais as famílias em sua maioria se faz presente no processo escolar dos filhos.

Assim sendo, a constituição familiar passou por diversas mudanças desde a Idade Média até a Pós-moderna, sendo que esse sentimento de família foi construído através do tempo e das várias experiências vividas pelos constituintes dessa instituição. Nessa passagem de tempo é possível perceber o quanto a valorização da educação estava presente no contexto familiar. Isso possibilitou o surgimento da escola diante das necessidades educacionais das crianças. Assim como sentimento de família mudou com o tempo, as práticas educacionais também mudaram, passaram por transformações e começaram a adquirir outros objetivos. Fazendo parte deste contexto de transformação de práticas educacionais, trataremos no tópico a seguir do processo histórico da alfabetização no Brasil e de seus conceitos.

## **2.2 Alfabetização e letramento: uma imersão conceitual**

A alfabetização é iniciada quando o sistema de escrita também inicia que é regido por um segredo de decifração em que se faz necessário entender e aprender como se escreve e como se lê. É neste contexto que está o encargo da alfabetização fazer com que as pessoas aprendam a codificar e decodificar esse sistema de escrita. Os métodos mais antigos da alfabetização segundo Silva (2007) eram baseados nas letras. Primeiro era trabalhado a decoração das letras e o reconhecimento delas. Depois iniciavam-se os trabalhos com as sílabas e posteriormente as palavras. Os textos eram os últimos a serem inseridos nesse processo.

No que diz respeito ao percurso histórico, a primeira forma de alfabetização utilizada no Brasil, era a catequese que era ministrada pelos jesuítas do século XVI

ao XVII que tinha como objetivo maior a conversão dos índios para o catolicismo e conseguir servidores para igreja, por isso os filhos dos colonos também frequentavam as escolas junto com os índios. Após a expulsão dos jesuítas a alfabetização brasileira tem um grande declínio, pois eles eram os principais responsáveis. Já não tendo mais o objetivo dos jesuítas, no fim do século XVII a alfabetização em massa não era o objetivo da colônia, mas ela passa a ser uma definição para ser considerado cidadão<sup>3</sup>.

Em 1946, segundo Barbosa (1990), é instalado o estado nacional desenvolvimentista, que sai de um modelo agrícola e rural para um industrial e urbano. A partir desse momento surge uma necessidade de mão-de-obra qualificada e a pressão do povo por uma condição melhor de vida e da educação. Por isso, o governo passa a prestar o serviço de educação básica, que tem a intenção de alfabetizar o povo para o exercício do voto. Nesta época, eram consideradas alfabetizadas as pessoas que soubessem escrever um bilhete simples. Em 1958 segundo Silva (2007) a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define que “[...] alfabetizada seria a pessoa capaz de ler e escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre a sua vida cotidiana; [...]” (SILVA, 2007, p. 20).

Na década de 1960, quando começa a diversidade da economia que possibilita o surgimento de novas vagas de emprego, vê-se aí a necessidade de qualificação profissional para executar as atividades remuneradas. Mas, essa qualificação era ligada a capacidade de ler e escrever dos candidatos, pois o interesse maior era o acúmulo de bens. É nesse contexto que surge o interesse por alfabetizar a população em maior número para executar essas tarefas.

Segundo Lamy (2010), nesta mesma década há um movimento de Educação de Base que é ligada ao Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e ao governo da união que é caracterizado como movimento de cultura popular e transformação social. É deste movimento que em 1963 acontece o Primeiro Encontro Nacional de Alfabetização Popular e Cultura Popular e em 1964 o Seminário de Cultura Popular. Desses eventos se percebe que o melhor método de

---

<sup>3</sup> Segundo Garcia (2008) estavam incluídos os homens que soubessem ler e escreve, mesmo que fosse só assinar o nome. Essa redefinição gerou uma transformação da função social da alfabetização. Que foi fortemente influenciado pela burguesia, que aproveita o momento para fazer do acesso à escola uma forma de ascensão social, em que um título de doutor vale tanto quanto a posse de terra.

alfabetizar seria definido através da interação com os futuros alfabetizados. Neste momento, há um desenvolvimento das ideias de Paulo Freire que tem uma concepção política de alfabetização que é pautada no diálogo, na crítica, na construção e codificação da linguagem escrita. E por esse método ter conseguido alfabetizar um grande número de pessoas, em 1964 foi criado o Plano Nacional de Alfabetização, mas que é extinto no mesmo ano com o início da ditadura militar, que passa a seguir outro modelo de alfabetização. Apesar de todo esse movimento para alfabetização do povo, ainda existia uma grande camada da população que continuava analfabeta<sup>4</sup>. Para acabar com o analfabetismo no país no início da década de 1970, o Brasil contou com o Movimento Brasileiro de Alfabetização<sup>5</sup> (MOBRAL). Apesar de todo movimento, o MOBRAL não consegue reduzir os índices de analfabetismo. O grande número de pessoas sem saber ler e escrever, era relacionado também à falta de escolas.

Nos anos 1980, a concepção da alfabetização é consolidada como um processo em que os sujeitos têm a capacidade de aprender e adquirir conhecimento, e a qualidade social da educação passam a ser apontada pela alfabetização. Em meio ao surgimento de pesquisas relacionadas ao conceito de alfabetização na década de 1990, surge o um novo termo denominado letramento que para Mortatti (2004)

[...] está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, [...] organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, [...] assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem (MORTATTI, 2004, p.98).

Esse novo termo permite-nos perceber que é preciso aprender a ler e escrever, mas é necessário saber qual uso é dado a essas duas funções, e quais serão as interferências na vida dessas pessoas que agora estão inclusas nessa língua escrita. Esse termo vai se consolidando e contribuindo para as pesquisas a respeito do conceito de alfabetização e fazendo com que cada vez mais esta tenha um significado sociocultural. Nesse processo, ele passa a ser um meio de sobrevivência da sociedade, sendo que surge a demanda de novos métodos. Neste

---

<sup>4</sup> Mesmo compreendendo a grande carga de preconceito ao termo analfabeto e considerarmos mais adequado a utilização do termo “pessoas não alfabetizadas”, preferimos, neste momento, manter o termo por revelar o período histórico marcado por estigmas e negação de direitos.

<sup>5</sup> O MOBRAL foi desenvolvido pela categoria de representação de utilidade da alfabetização, que visava o desenvolvimento da alfabetização numa perspectiva funcional voltada para o tecnicismo.

contexto foram desenvolvidas várias concepções de alfabetização, que segundo Lamy (2010),

[...] podemos caracterizar as concepções de alfabetização em dois distintos grupos, segundo os seus pressupostos terminais: aqueles que privilegiam o individual e estão centrados no sujeito e/ou no processo de alfabetização e os que privilegiam o social e estão centrados no sujeito, enquanto pertencentes a um determinado grupo social (LAMY, 2010, p.25).

Estão presentes no grupo em que privilegiam o sujeito centrado na aprendizagem, as concepções representacionais e mecânica. E no grupo que privilegia o social estão as concepções funcionais, revolucionárias e conscientizadoras.

Nas concepções representacionais a aprendizagem se dá através da construção individual do conhecimento. A interação do sujeito com o objeto provocará uma série de conflitos cognitivos que necessitam do pensamento e da construção mental de hipótese para a construção do conhecimento. O papel do professor nessa concepção é o de problematizador, ele é quem cria as condições para a interação ente o sujeito e o objeto.

Nas concepções mecânicas, a alfabetização é concebida como um processo em que o objetivo é o domínio da leitura e da escrita, através de uma conceitualização que envolve as discriminações e generalizações das incitações verbais do texto. Nessa concepção os alunos recebem instruções programadas, que tem como objetivo “[...] discriminar e reproduzir a forma gráfica do som da palavra, [...]” (LAMY, 2010, p.32), o papel do professor é de sugerir o procedimento específico, ser avaliador e reforçador.

Nas concepções funcionais, aprender a escrita dá-se na interação com o ambiente; a aprendizagem da linguagem é considerada como natural, que acontece na interação com o objeto. Assim também a escrita é adquirida. Segundo essa visão ele se tornará o cidadão funcionalmente letrado. Para as concepções revolucionárias, a alfabetização não pode ser beneficiadora do capitalismo, nessa concepção a aquisição de leitura e escrita não devem ser usadas para a valorização do tecnológico, nem para a eficiência do trabalho. E, por fim, a concepção conscientizadora, que tem a alfabetização como a forma de fazer com que o homem descubra através do diálogo que ele é o sujeito e não objeto, e que tem desempenho ativo na sociedade. Nesta concepção, no processo de aprendizagem,

existe uma autoconstrução de conhecimento, que parte do sujeito para o objeto. O vocabulário é derivado do universo do aluno. O papel do professor é de facilitador do processo, porque aqui é o próprio aluno que se alfabetiza. A alfabetização é concebida como instrumentalização de um processo de formação (LAMY, 2010).

Como a alfabetização foi vista por muito tempo, apenas como um meio para decodificação de textos e palavras, as pessoas eram ensinadas a ler e escrever sem nenhum outro contexto envolvido, fazendo com que essa prática fosse isolada do contexto social vivo, sem, no entanto, ter o entendimento do que era ensinado. Com o passar do tempo e a sociedade tornando-se cada vez mais letrada, vê-se uma necessidade na mudança das práticas de letramento, que para Andrade e Estrela (2017),

[...]. Enquanto principal agência de letramento, a escola tem como principal função promover tanto a aquisição quanto a apropriação da leitura da escrita, de modo que, para além de dominar as habilidades de codificar e decodificar, os sujeitos possam fazer o uso social nos mais diversos eventos e práticas de letramento. [...] (ANDRADE e ESTRELA, 2017, p.19).

Por isso as práticas de letramento devem ser pensadas para além da escola, pensando que a sociedade exige sujeitos aptos para as situações sociais e não apenas decodificadores. Devido a sua grande importância no meio social, principalmente por o uso da escrita ser tão utilizado na sociedade atual, a alfabetização tem sido bastante discutido.

Mas além da importância para leitura e escrita, a alfabetização é percebida também como um meio de construção social. Como afirma Cook-Gumperz (2008) “[...] a alfabetização é um fenômeno socialmente construído, e não a simples capacidade de ler e escrever.” Pensando assim que a alfabetização se inicia antes mesmo das práticas de leitura de escrita.

A alfabetização enquanto construção social deve ser entendida com uma parte da língua que está sempre em contato com a oralidade, pois, os dois tem os mesmos fins comunicativos. Por isso se faz necessária práticas alfabetizadoras que possibilitem a esses alunos utilizarem os conhecimentos de escrita e de leitura em seu cotidiano, possibilitando que eles sejam aplicados criticamente no lugar ao qual pertencem. Mesmo nesse contexto de alfabetização, se faz necessário pensar que mesmo estando em uma sociedade onde a cultura da escrita é tão predominante, não existe um acesso igual para todas as pessoas.

Isso acontece porque a alfabetização e o letramento são um *continuum*<sup>6</sup>, sendo que na alfabetização há um produto pré-fixado que é levar o aluno a ler e escrever, mas no letramento não é possível pré-fixar esse produto e nem o definir, isso porque o letramento antecede e perpassa a alfabetização. Mortatti (2004), deixa claro que a introdução do letramento na escola não substitui o papel da alfabetização e nem que é necessário a alfabetização para iniciar o letramento. Essa introdução do letramento é para que no processo da alfabetização sejam levados em conta o contexto social ao qual a escola e seus alunos estão inseridos, e que esses requisitos sejam levados em conta na escolha e no desenvolvimento das atividades. Desse jeito, a escola cria uma conjuntura do letramento com as características e o objetivo do contexto escolar, havendo uma organização metódica acontecendo assim segundo Mortatti (2004) uma “pedagogização do letramento” definido por ela como “[...] um processo no qual práticas sociais de letramento se tornam, numa sequência ideal e predeterminada, práticas de letramento a ensinar, posteriormente, ensinadas, e, finalmente, adquiridas” (MORTATTI, 2004, p.114). Nesta visão de letramento é possível pré-fixar um objetivo a ser alcançado.

Portanto podemos pensar que a alfabetização além de ser um processo de aquisição de leitura e escrita, também envolve as práticas comunicativas e as atitudes históricas que influenciam na situação social ao qual o sujeito está inserido. Para entender esse processo de aquisição de leitura e escrita faremos a seguir uma incursão conceitual sobre o tema.

### **2.3 Processos de aquisição da leitura e da escrita: entrecruzando possibilidades e desafios**

O sistema da escrita para ser compreendido, como já mencionado, necessita de duas vertentes que é a aprendizagem da escrita e da leitura. Para Ferreiro (2010, p.14) “[...] a escrita pode ser considerada uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras”. Ela diz que a diferença ente as duas considerações de escrita estão na codificação<sup>7</sup>, tudo já está determinado, os elementos e as relações, diferente da representação onde nem os

---

<sup>6</sup> Representa uma série de acontecimentos sequenciais e ininterruptos, fazendo com que haja uma continuidade ente o ponto inicial e o final.

<sup>7</sup> Termo utilizado pela autora para definir transcrição gráfica.

elementos nem as relações são predeterminadas. E ainda afirma, que em seu processo histórico, a invenção da escrita foi a construção de representação de um sistema, e que mesmo após construído não pode ser entendida como um processo de codificação, porque no início da escolarização a criança para entender os conceitos do sistema, acabam reelaborando as representações do sistema até chegar na compreensão do mesmo. Destaca, também, que quando a escrita é idealizada como código de transcrição, a aprendizagem é a aquisição de uma técnica, mas se ela é idealizada como um sistema de representação, a aprendizagem passa a ser conceitual já que é assimilação de um novo objeto de conhecimento. Gontijo (2008) pautado nas ideias de Vigotski (2000), também critica o ensino da escrita de forma mecânica ressaltando que, “[...] a escrita deve ter significado para as crianças, [...] e não ensinada como processo de associação entre letras e sons em que são exigidas apenas habilidades motoras e perceptivas.” (GONTIJO, 2008, p.16). A autora entende que a aprendizagem da leitura e da escrita pela criança é a compreensão das relações entre grafemas e fonemas, não como uma memorização da relação sons e letra, mas que a criança que produza sentido para a real aprendizagem da linguagem escrita.

A construção de conhecimento pela criança a respeito da escrita muitas vezes começa antes do início do processo de escolarização, Ferreiro (2010) aponta que as produções espontâneas das crianças tentando reproduzir as palavras, são documentos de extrema importância para entender o processo de aprendizagem da escrita. A princípio, as produções das crianças são as garatujas, que são traçados usados pela criança para utilizar a escrita. Esses traçados podem ser segundo a autora “[...] linhas onduladas ou quebradas [...], contínuas ou fragmentadas, ou então com uma série de elementos discretos repetidos [...]” (FERREIRO, 2010, p.21). E essa aparência gráfica ainda pode ser considerada escrita, a não ser que se conheçam as condições de produção desses traçados.

Ferreiro (2010) destaca também os dois aspectos que devem ser levados em conta na escrita: os aspectos gráficos, que estão relacionados a qualidade dos traços, a orientação de ordem (esquerda para direita, cima para baixo) e dos caracteres; e os aspectos construtivos, que estão relacionados ao que a criança tentou representar e os meios utilizados para fazer distinções entre as representações. Mas a autora faz uma ressalva sobre a utilização desses aspectos no modo tradicional, em que só é observado os aspectos gráficos nas escritas das

crianças, sem ser valorizado os aspectos construtivos, que possibilita uma análise do processo da aprendizagem.

Levando em conta o construtivismo, Ferreiro (2010) destaca que a escrita infantil segue uma linha de evolução regular, por meio da cultura, de situações educativas e de diversas línguas. O primeiro período está a distinção ente o icônico<sup>8</sup> e o não icônico<sup>9</sup>, que estão relacionados respectivamente ao desenho e a escrita, a criança entende que existe outra forma de representação do objeto.

No segundo período, segundo a referida autora, há uma busca das propriedades de um texto escrito, começando com a escrita com letras inventadas, o mínimo de número de letras para formar uma palavra, depois a escrita com letras convencionais. Inicia-se também a diferenciação intrafigurais, que é a variação de símbolos na mesma palavra<sup>10</sup>.

O passo seguinte é caracterizado pela busca de diferenciação interfigurais, que é a variação de símbolos nas diferentes palavras, querendo assim representar que são palavras diferentes, apesar de construir a diferenciação interfigurais a criança continua com suas representações de diferenciação intrafigurais. Esses dois períodos caracterizam o nível de escrita pré-silábica.

O ingresso no terceiro período é marcado pela atenção aos sons na emissão das palavras. Ferreiro (2010) afirma que

[...] A criança começa por descobrir que as partes da escrita (suas letras) podem corresponder a outras tantas partes da palavra escrita (suas sílabas). Sobre o eixo quantitativo, isto se exprime na descoberta de que a quantidade de letras com que se vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. [...] (FERREIRO, 2010, p.27).

Neste período a criança entende que o sistema de escrita é uma representação da fala e tentando fazer uma representação levando em conta essas duas características a escrita e a fala, com a evolução desse processo ela consegue representar cada sílaba com uma letra, mas ao mesmo tempo cria o conflito em relação a quantidade mínima de letra quando a escrita é de uma palavra monossílaba. Este período é identificado como nível silábico. Os conflitos criados

<sup>8</sup> Segundo Ferreiro (2010), ao desenhar se está no domínio do icônico, são as formas dos grafismos que reproduz as formas do objeto.

<sup>9</sup> Para Ferreiro (2010), ao escrever está fora do icônico, as formas de grafismo já não reproduzem as formas do objeto nem a ordenação espacial.

<sup>10</sup> Nesta etapa o sujeito já compreendeu que as palavras diferentes também são diferentes na escrita. Colello (2004)

fazem com que a criança desestabilize as construções feitas neste nível e perceba a sua ineficaz. “[...] a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como uma unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores, ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido. [...]” (FERREIRO, 2010, p.29). Assim a criança começa o nível silábico-alfabético, aqui ela entende que o nível silábico é ineficaz, mas ainda não existe domínio sobre o nível alfabético e na tentativa de acertar ele usa os dois níveis nas palavras aproximando do silábico ou do alfabético. Quando ela já compreende o valor sonoro das letras em cada sílaba a criança entra no nível alfabético, apesar de não ter ainda uma escrita convencional com noção de ortografia, pontuação, acentuação, divisão de texto em partes, que ainda é um caminho a ser percorrido.

O conceito de leitura vem sofrendo muitas transformações, isso através das mudanças sociais, tornando-se um alvo de discussões e mudanças conceituais. Para Nascimento e Vieira (2016), a leitura não é apenas a extração de informações de um texto, utilizando só a decodificação, mas é uma atividade que “ [...] implica estratégias de seleção antecipada, inferências e verificação, sem as quais não é possível proficiência ” (NACIMENTO e VIEIRA, 2016, p. 21). As autoras expõem que ler não é só decifrar palavras, mas que é necessária a compreensão do que está sendo decodificado para o domínio da leitura.

Andrade e Estrela (2017) definem a leitura por duas esferas a primeira como processo de decodificação dos signos gráficos e a segunda como um processo de extração de sentidos. Constatando que o primeiro é a técnica de decodificar e decifrar e o segundo a interpretação e compreensão, sendo que para a apropriação de uma leitura fluente e com domínio é imprescindível a interação dos dois processos.

Respaldadas em alguns autores<sup>11</sup> Andrade e Estrela (2017) apresentam algumas concepções de aquisição da leitura. A discussão de Viana e Teixeira (2002), destacam que o processo de leitura é identificado por três fases: a) a leitura mecânica, que corresponde ao início do processo, onde o sujeito começa a decifrar os sinais de forma introvertida ou automática sem entender o que está sendo lido; b) a leitura compreensiva, refere-se ao processo em que o sujeito compreende as

---

<sup>11</sup> Os autores citados foram Viana e Teixeira (2002), Silva (2003), Martins e Nilza (1998) e Ferreiro e Teberosky (1999).

mensagens dos sinais gráficos; c) a leitura crítica, está vai além da compreensão nesta fase o sujeito já é capaz de fazer reflexões e críticas aos textos.

O modelo desenvolvimentista de leitura defende a necessidade de quatro fases: 1- a pré-leitura ou pseudoleitura, que o início do processo de alfabetização; 2- a leitura inicial ou descodificação, relação ente grafema e fonema; 3- consolidação e fluidez da descodificação, que é a utilização consciente do código de escrita; e 4- a compreensão leitora, que se divide em outras três fases, a primeira incide que depois que a criança consegue o domínio da leitura, passa a ser um instrumento de aprendizagem, a segunda nesta o leitor compreende os diferentes tipos de materiais escritos, e a terceira nesta fase a leitura tem funções específicas consentindo que o sujeito possa fazer e refazer construções de significados.

Outro modelo desenvolvimentista é baseado na teoria Piagetiana. Neste modelo é defendido que o desenvolvimento da leitura passa por quatro fases. A primeira é a relação ente a forma visual e o significado fundado pela criança, relacionado ao contexto onde está inserida. Na segunda fase à criança não se utiliza só do contexto, mas também já utiliza alguns conhecimentos dos códigos gráficos. A terceira é o início do processo de compreensão, onde elas entendem que as letras correspondem aos sons. E a quarta fase que é caracterizada por a criança iniciar o uso das regras ortográficas.

Na teoria cognitiva a aprendizagem da leitura passa por três fases. A fase logográfica, onde a criança começa a reconhecer marcas que fazem parte do vocabulário. A segunda ortográfica que é quando a criança inicia o processo de associação de letras-sons, conseguindo identificar palavras que não fazem parte do contexto familiar. E a terceira que é denominada de ortográfica, que é caracterizada pelo domínio da habilidade de leitura.

Além da teoria cognitiva, temos também a perspectiva psicogenética que considera que com a interação ente sujeito e o objeto de conhecimento, a leitura, que irá gerar uma série de conflitos cognitivos, exigindo do sujeito pensamento e construção mental do conhecimento. Nessa perspectiva a criança passa por quatro níveis: no primeiro nível a criança não consegue diferenciar a imagem do texto; o segundo é chamado de hipótese do nome; o terceiro é caracterizado pela escrita a partir da imagem, e no quarto nível a criança busca a relação ente o oral e os elementos gráficos.

Diante das discussões sobre a aquisição da escrita e leitura, devemos pensar que se faz necessário que os sujeitos adquiram as habilidades leitoras e escritoras, já que cada vez mais estamos inclusos em uma sociedade que utiliza o sistema de escrita constantemente. Para que as aquisições dessas habilidades sejam concretas e utilizadas para as múltiplas necessidades sociais, é imprescindível que as práticas de leitura e escrita estejam presentes no cotidiano dos sujeitos. Sendo assim faremos uma abordagem das práticas de leitura e escrita que estão presentes no cotidiano familiar, e qual a sua influência na sala de aula.

#### **2.4 A leitura e a escrita vivenciada no cotidiano familiar e suas implicações na sala de aula**

As práticas de leitura e escrita vivenciadas pelas crianças no cotidiano, levado em conta aqui, familiar, veem demonstrando que são de grande importância para o desenvolvimento na escolarização das crianças no que diz respeito a aquisição da leitura e da escrita. Segundo Ferreiro (2010), a criança consegue visualizar fora da escola o contexto de uso da escrita, pois no ambiente externo à escola ela pode fazer produções de texto, enquanto na escola ela só é autorizada a copiar.

As informações adquiridas neste ambiente externo fazem mais sentido para criança pois se aproxima do contexto em que ela aprendeu a utilização da linguagem. Corroborando com Ferreiro (2010), Andrade e Estrela (2016) pautadas na ideia de Nérici (1997) ressalta a influência da família para a aquisição da escrita e da leitura pelas crianças e que o cotidiano doméstico é um dos ambientes essenciais para os usos dessas atribuições. Sendo que cabe a família também a responsabilidade pela formação cidadã para contribuir com o meio social.

Uma criança que cresce em um ambiente letrado, está exposta a várias interações que serão importantes para a compreensão do sistema de escrita. Segundo Ferreiro (2010), os adultos podem propiciar as crianças a experiência de serem escritoras e leitoras, fazendo leituras em voz alta e fazendo escritos para as crianças. Essas experiências fazem com que eles compreendam as práticas sociais ligadas ao sistema da escrita. A autora ainda indica que sejam disponibilizados no ambiente livros de história, periódicos papel, lápis, tintas e etc. Corroborando com essa concepção Colello (2004) diz que:

[...]. É assim que as crianças aprendem a ler e escrever brincando com letras de papelão, fazendo jogos de palavras, vendo alguém redigir nomes, estórias e canção, ou tentando ler artigos, livrinhos infantis e até receitas de bolo de chocolate. Em qualquer uma das situações, o que prevalece é a possibilidade de criação, o valor da descoberta, o mérito da tentativa e também a troca de ideias, aspectos que agilizam a construção do conhecimento (COLELLO, 2004, p.94).

A autora demonstra que o constante contato com a escrita e leitura no cotidiano da criança faz com que o processo para chegar a construção do conhecimento seja acelerado, fazendo com que ela compreenda o sistema de escrita. Complementando a discussão Lima (1996), contribui dizendo que a escrita é muito utilizada e faz parte do cotidiano no dia-a-dia, mesmo que seja menos que a fala oral, ela compõe importantes meios de interação. Então, mesmo que nem todos saibam escrever, eles desfrutam das utilidades da escrita, mesmo que não sabe ler terá acesso a escrita por meio dos que sabe ler e escrever. Reafirmando o quanto é importante propiciar momentos de escrita e leitura para as crianças que estão no processo de aprendizagem, isso permitirá que elas entendam o significado da leitura e escrita no cotidiano.

Andrade e Estrela (2016) respaldadas nas ideias de Purcell-Gates (2004) reafirmam a importância da aprendizagem realizada no contexto familiar, e enfatizam o quanto a escola deveria se aproximar dessas vivências familiares, fazendo com que essas práticas do cotidiano estejam inseridas no ambiente escolar, já que essas práticas têm grande influência na aprendizagem das crianças.

As referidas autoras destacam, respaldadas nas pesquisas de Purcell-Gates (2004), quatro contribuições importantes: 1 - o conhecimento de registros escritos, que demonstra a necessidade que os futuros leitores e escritores aprendam os diversos tipos de textos, esse conhecimento é proporcionado quando é feita a leitura de uma notícia, contos, receitas e etc.; 2 - o conhecimento de vocabulário e linguagem, aqui é ressaltado que ao ouvir as leituras as crianças aumentam o seu vocabulário, porque aprende palavras que não fazem parte do seu léxico<sup>12</sup>; 3 - conhecimento da escrita, é destacado que a frequência com que a família utiliza a escrita está relacionado com o conhecimento que a criança tem em relação a escrita; e 4 – motivação, está relacionado as crianças que apresentaram mais

---

<sup>12</sup> Compilação de palavras de uma língua (fonte dicionário Aurélio).

motivações para aprender a ler e escrever, são aquelas que tiveram um ambiente alfabetizador, em que foi propiciado disponibilidade de materiais de escrita e leitura.

Paro (2000) traz dados de uma pesquisa realizada em uma escola pública, as entrevistas das professoras afirmam que, os pais podem ajudar seus filhos em casa, para um maior desempenho em sala. Elas afirmam que, mesmo que os pais não saibam ler ou escrever, eles podem ajudar com a motivação, sendo assim eles podem acompanhar o comportamento, o que as crianças relatam sobre a escola ou falam na escola. Uma das professoras diz que

Eu via que todo pai, mesmo aquele que não conseguisse ler, muitas vezes não sabia nem ler nem escrever, mas que ele olhava o caderno, ele se interessava, ele analisava o capricho, ele via que tinha alguma coisa colocada naquele caderno, nem que fosse um desenhinho, a criança se sentia amparada... [...]. Eu noto que a criança que se sai pior, tanto culturalmente quanto em termos de comportamento não tem assessoria de ninguém. [...] (PARO, 2000, p.31 e 32).

O autor trazendo as declarações das professoras, afirma que o incentivo dos pais ajuda muito na aprendizagem das crianças. Perez (2007), em sua pesquisa, constatou o fato de que os alunos que tinham pais com maior escolarização apresentarem um bom desempenho escolar apontando para a importância do incentivo e das aprendizagens que afloram não só no ambiente escolar, mas também no familiar. Porém, as outras famílias apresentaram a motivação, assim a autora afirma que o mais importante não é a escolarização dos pais, mas o incentivo e motivação para que seus filhos participem desse processo de escolarização.

Pautadas na discussão de Terzi (1995), Andrade e Estrela (2016) abordam que umas das principais causas de leitores precoce, são os ambientes familiar em que as práticas de leitura e escrita estão presentes, sendo que assim possibilita o acesso a esses conteúdos desde pequenos, logo

Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre a linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra e a sumarizar a estória e fazer inferências [...]. Em suma, a exposição da criança a frequentes leituras de livros a leva a desenvolver-se como leitora já no período pré-escolar. Esse desenvolvimento contribui, [...] para uma maior facilidade em acompanhar o ensino proposto pela escola, o que redundará em maior sucesso (TERZI, 1995, *apud* ANDRADE e ESTRELA, 2016, p.45).

A exposição da autora reafirma a grande estima das aprendizagens adquiridas pelas crianças no seio familiar e como é necessário que a família propicie esses momentos, para desenvolver o desejo por esse aprendizado, que será de suma importância para a construção de conhecimento e seu desenvolvimento. Para desenvolver esse desejo na aprendizagem “[...] a família deve proporcionar momentos prazerosos de leitura e escrita em casa para despertar o interesse dos filhos na escola. [...]” (ANDRADE e ESTRELA, 2016, p.22). Não basta só momentos de leitura, é preciso que esses momentos sejam de prazer para que cada vez mais a criança se interesse pela leitura. Na pesquisa realizada por Andrade e Estrela (2017), traz o depoimento de uma mãe, que revela a grande contribuição da família na influência pelo gosto da leitura e escrita:

Minha mãe não sabia nem ler nem escrever, mas mesmo assim ela dizia pra gente: “meus filho estudem pra não ser que nem eu. Eu vivo no mundo, mas não vejo as coisas. Quem não sabe ler as letra e entender o que diz é um cego. Eu queria ter a oportunidade que vocês tão tendo agora. É a coisa mais bunita do mundo uma pessoa chegar assim ó e saber ler um livro todinho e intendê”. [...] Mesmo não sabendo ler, perguntava se tinha dever pra fazer, pedia a gente pra ir cobrir as letras, pegava as coisas e perguntava se a gente já sabia ler as palavras [...] minha mãe fazia assim [...] é por isso que eu digo; se não fosse minha mãe, não sabia nada. O pouco que sei dou graças ao que mãe me disse[...] (ANDRADE e ESTRELA, 2017, p. 181).

Andrade e Estrela (2016) pautadas na discussão de Cardarelo (2000), revelam que não será só o ambiente com disposições de impressos que influenciará o futuro leitor, mas também a atenção que é dada a essas leituras, isso possibilitará que a crianças ultrapassem alguns obstáculos para as suas futuras leituras. Andrade e Estrela (2016, p.195) afirmam que “[...] as interações letradas vivenciadas pelas famílias [...] dependem, fundamentalmente, do seu contexto social, histórico, cultural e econômico. Tudo isso influencia nas práticas e vivências da leitura e escrita dos sujeitos”. Independentemente da classe a que a família pertença, se houver interesse por parte dos familiares, haverá práticas que irá motivar as crianças para a aquisição da leitura e escrita.

Existe um pensamento que as famílias da classe popular não têm disponibilidade de materiais em casa para proporcionar a influência e o gosto pela leitura e escrita, mas na pesquisa de Andrade e Estrela (2017) os dados colhidos

comprovam que nas casas das famílias pesquisadas, haviam matérias escritas alguns em maior escala ou em menor escala, o que fazia a diferença era os tipos de gêneros disponibilizados. Perez (2007) diz que “[...] o apoio do grupo familiar das camadas populares envolve pequenos procedimentos que influenciam de forma expressiva a conduta das crianças no sentido de desenvolver hábitos de estudo”. (PEREZ, 2007, p. 133). Podemos elencar algumas práticas, a ajuda dos pais nas atividades escolares dos filhos, o estabelecimento de horários para estudos e a mobilização para que o grupo familiar possa ajudar as crianças nesses horários.

As discussões acima possibilitam um aprofundamento de como é importante a participação da família no processo de aprendizagem das crianças. Entender que as práticas de leitura e escrita existentes no cotidiano familiar possibilitam um maior desenvolvimento para aquisição dessas duas habilidades, e perceber a necessidade de uma relação entre família e escola, para que estas duas instâncias juntas possam possibilitar a criança uma construção de conhecimento significativo. Com a construção dessa relação, os sujeitos irão perceber que os conhecimentos construídos na escola são importantes no seu cotidiano e que as aprendizagens construídas na família serão utilizadas na escola.

Após as constatações feitas acima, cabe-nos agora mergulhar na discussão sobre a relação família-escola e quais as suas influências no processo de aquisição da leitura e escrita das crianças.

## **2.5 A importância da relação família e escola para o desempenho da leitura e da escrita das crianças: reflexões e discussões**

A suposta distância existente entre família e escola nas últimas décadas vem sendo questionada por muitos pesquisadores. Por que as instituições que tem relações tão próximas, muitas vezes se afastam, dividindo seus papéis e entendendo que uma não pode compartilhar e ajudar a outra? Discordando dessa não aproximação pesquisadores como, Andrade e Estrela (2016), Paro (2000), Perez (2007) e Nogueira, Romanelli e Zago (2007) trazem discussões que enfatizam a construção da relação escola-família e família-escola, constatando que essa interação tem trazido grandes contribuições para a aprendizagem dos alunos-filhos.

Considerando que o primeiro contato que a criança tem é com a família, e, só depois é inserida no contexto escolar, faz-se necessário pensar que a partir desse

momento serão os dois ambientes que a criança passará mais tempo. Com a existência da relação entre esses dois ambientes, possibilitará que a criança se adapte com mais facilidade, podendo contribuir para sua aprendizagem. Contribuindo com a reflexão, Perez (2007, p. 11) revela que “A escola é, junto com o grupo familiar, uma agência social que exerce influência no desenvolvimento e nas aprendizagens da criança”. Sendo assim, a família e a escola influenciam ou limitam as decisões, a convivência, a espontaneidade das crianças, por isso a relação ente estas duas instancias educativas possibilitam que as ações sob a criança sejam planejadas de tal forma que contribuam para a sua aprendizagem.

A participação da família no ambiente escolar é tão importante que, está garantida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, (BRASIL, 1996) instituindo que:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitando as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:  
 VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;  
 VII – informar aos pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica (BRASIL, 1996).

De acordo com a referida Lei a escola deve propiciar momentos para que a família e a comunidade se sintam parte da instituição e que sejam de integração para que todos tenham a escola como um bem comum. Isso significa que a escola deve abrir as suas portas para a família e a comunidade, dando a estas instâncias, poder de participação efetiva. Para tanto, deve manter a família informada do desempenho e presença dos alunos, e esta, deve estar ciente da proposta pedagógica que a escola desenvolve ou pretende desenvolver. Portanto, é imprescindível esse contato entre a escola e a família, sobretudo pensando que ambas podem contribuir de forma expressiva para o processo de aprendizagem dos sujeitos inseridos.

Perez (2007), afirma que essas duas instituições, a familiar e a escolar, se compõem com agências com responsabilidades educativas e socializadoras, mas que divergem em alguns pontos. Para a referida autora essas instituições,

[...] compartilham procedimentos para prepara o educando no desenvolvimento de habilidades que contribuam para uma participação crítica na sociedade e diferenciam-se nas atividades de ensino, já que a escola tem como responsabilidade ensinar os conteúdos escolares valorizados e considerados essenciais para a

instrução de novas gerações e à família cabem as funções relacionadas às orientações sociais, morais, afetivas, isso pelo menos no plano ideal (PEREZ, 2007, p.13).

Essa divergência existente é que cada instituição em seu espaço trabalha com recursos comunicativos, táticas, conteúdos, organização e exigência diferentes, fazendo com que haja uma contradição ente as duas instituições. A autora ainda afirma que a orientação educacional é de estabelecer uma relação com as famílias, buscando incentivar a participação familiar na escolarização, mas “[...] um problema que pode estar ocorrendo no exercício da relação família-escola é a maneira como a instituição escolar estabelece uma aproximação unidirecional com o grupo familiar, [...]” (PEREZ, 2007, p. 15).

Andrade e Estrela (2016) respaldadas na discussão de Lapuente (2006), traz a afirmação da autora que em algumas escolas há uma barreira entre a família e a instituição, por partes dos professores que não querem da presença dos pais na escola, fazendo da sala um lugar reservado só entre o professor e aluno, mas ela deixa claro a importância da participação da família no ambiente escolar, demonstrando que estas duas instituições devem e podem trabalhar juntas, respeitando seus espaços e funções.

Na mesma linha de pensamento Paro (2000) traz a discussão de uma pesquisa realizada em uma escola em que os professores reclamavam da falta de frequência dos pais na escola, dizendo que eles não se preocupavam com a aprendizagem. Mas é necessário pensar, o porquê dos pais não terem esse contato com a escola. O referido autor contribui dizendo que “[...] se as mães não vêm com frequência à escola, é porque não tem sido agradável aos pais, não tem falado a sua linguagem, não tem sido competente para atraí-los” (PARO, 2000, p.44). Assim, faz-se necessário que além de cobrar a participação dos pais, a escola deve propiciar um ambiente de diálogo e cooperação para que os pais se sintam acolhidos e parte da escola.

Andrade e Estrela (2016), na obra Alfabetização e letramento (s) na escola e na família, trazem contribuições relevantes acerca da necessidade de a escola proporcionar um ambiente em que os pais se sintam bem acolhidos, para que possam entender a importância da sua participação na alfabetização dos filhos, desde ajudar nas tarefas de casa, até contribuir na escola, ajudando nas decisões. Para elas “[...] o envolvimento direto dos pais deve acontecer no sentido de

potencializar a ação pedagógica na escola, a fim de oferecer um suporte necessário para o estreitamento da relação entre as instâncias família-escola” (ANDRADE e ESTRELA, 2016, p.50). Portanto, a escola necessita concretizar essa parceria, demonstrando que os pais de maneira simples podem ajudar na compreensão dos conteúdos contribuindo para o fortalecimento da aprendizagem.

Através das reflexões de López (2002) as referidas autoras falam da relevância da participação da família na escola para o fortalecimento da instituição escolar, afirmando que essa participação valoriza dois aspectos a estimulação para uma melhor qualidade escolar e a potencialização de recursos e ações. E como tem também um objetivo de formação social, é destacado que a escola pode sugerir algumas funções que são de responsabilidade dos pais, já que são os receptores desse ensino, isso fará com que haja um fortalecimento do ensino com os estudantes. Legitimando essa discussão, Paro (2000) diz que

[...] é preciso considerar que o preparo e o oferecimento de materiais e de um bom lugar para estudar e fazer as lições é também uma questão de valorização do estudo [...]. Por isso, é importante que a escola atente para a situação, preocupando-se com as maneiras de fazer chegar até os pais essas informações e toda a orientação necessária a respeito (PARO, 2000, p.49).

Se faz necessário que a escola também oriente a família para que possa ajudar nesse processo de aprendizagem. A participação da família tem se dado de maneira diversificada, sendo que cada uma contribui do jeito que pode, Nogueira, Romanelli e Zago (2007, p.58) contribuem esclarecendo que “[...] as famílias populares participam da construção do sucesso escolar dos filhos de modo diferenciado [...]”, cada família usa do meio que está ao seu alcance para fortalecer e potencializar os estudos dos filhos, podendo ser uma ajuda direta ou superficial.

Corroborando com os respectivos autores, Andrade e Estrela (2016) e Paro (2000) trazem contribuições através de pesquisas, como os pais costumam ajudar os filhos no processo de escolarização destacando, a ajuda nas tarefas escolares, proporcionando ambientes de leituras, verificação do caderno, visitação à escola. Eles, ao mesmo tempo, discorrem que os pais não alfabetizados usam suas metodologias para ajudar os filhos, seja incentivando o irmão mais velho a ajudar, pedindo para olhar o caderno, visitando a escola ou até mesmo com o afeto. Paro (2000) traz o testemunho de uma professora que diz:

Minha mãe era analfabeta, mas ela olhava meu caderninho. Eu nem percebia que ela não sabia nada. Até os dez anos, pra mim, ela sabia tudo, ela olhava, discutia se tava bonito, se não tava bonito, [...] Então, a ajuda dois pais é neste sentido. “ô, meu filho, que cê tá fazendo, deixa eu ver o que é que tem”, né (PARO, 2000, p.50).

O depoimento da professora nos revela que são essas pequenas contribuições que têm ajudado de maneira significativa no processo de aquisição de leitura e escritas dos filhos. Fazendo com que a escola e a família reconheçam o quanto as duas são de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos-filhos. Mas segundo o referido autor ainda existe uma categorização do que é feito na escola, que acaba sendo totalmente separado do que se faz na família. Por isso, se faz necessário que a escola trabalhe de forma a proporcionar o desenvolvimento dos sujeitos com uma pedagogia significativa que valorize a trajetória de vida social, cultural e familiar dos sujeitos.

A escola necessita conhecer quais os recursos e estratégias são utilizados pela família para que o acompanhamento seja bem-sucedido. Sendo assim, “[...] é extremamente relevante que a escola conheça e utilize de forma significativa as experiências que os estudantes trazem do contexto doméstico para favorecer as competências letradas” (ANDRADE e ESTRELA, 2016, p. 51).

Corroborando com as discussões, Perez (2007) afirma que as práticas educativas desenvolvidas pela família e pela escola influenciam no desempenho do aluno, mas que também podem contribuir para estimular ou reprimir o potencial dos estudantes na aprendizagem escolares, fazendo com que ele construa uma visão positiva ou negativa do processo ensino-aprendizagem. Isso acontece porque para a autora esse sucesso não depende apenas da família e da escola, mas também dos estudantes. Diante das pesquisas realizadas ela assegura que “[...] O envolvimento dos alunos, mais a estimulação no ambiente escolar, atrelados às estratégias familiares, criam condições para o bom desempenho escolar. [...]” (PEREZ, 2007, p.127). Por isso, é necessário fazer com que os alunos criem esse estímulo pela aprendizagem.

Com as discussões discorridas, torna-se notável a grande importância da relação família-escola e escola-família para o processo de escolarização e principalmente para adquirir a leitura e escrita. A existência da relação ente essas duas instituições, comprovada por pesquisas já citadas, faz com que o desejo pela

leitura e escrita dos filhos/alunos sejam maiores, pois com essa relação eles conseguem constatar que a construção de conhecimento existente na escola está ligada às práticas cotidianas do contexto familiar e social. É necessário destacar que cada instituição, familiar e escolar, tem suas responsabilidades educativas e sociais, mas que são situações complementares que fazem parte do processo de escolarização das crianças.

Na sequência apresentaremos os caminhos metodológicos utilizados na pesquisa para compreender como e de que forma a família influencia na aprendizagem das crianças.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este capítulo discorre sobre a metodologia utilizada no presente trabalho. Discute a abordagem e o tipo da pesquisa utilizado, os instrumentos que foram selecionados para recolha de dados, a caracterização dos sujeitos e do *locus* da pesquisa, fazendo uma breve explicação de como foi realizada a recolha de dados.

O trabalho com pesquisa é de extrema relevância porque permiti-nos o esclarecimento e/ou a descoberta de novos conceitos, possibilitando uma reflexão do tema em sua área de aplicação. Marconi e Lakatos (2003, p. 155) destacam que, “[...]. A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.” Por isso, através da pesquisa é possível fazer o esclarecimento de qualquer tema, pois ela nos permite um aprofundamento de todas as descobertas relacionada a este, já que é necessário um aprofundamento teórico e prático. Gil (2008, p. 26) contribui ao destacar que “[...], pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”.

Dar-se a importância de delimitar, também, a qual Paradigma a pesquisa se enquadra, pois, segundo Behrens e Oliari (2007) “[...]. Os paradigmas são necessários, pois fornecem um referencial que possibilita a organização da sociedade, em especial da comunidade científica quando propõe continuamente novos modelos para entender a realidade. [...] (BEHREN e OLIARI, 2007, p.34). Os paradigmas possibilitam a sociedade desenvolver alguns procedimentos a serem seguidos e aplicados. Sendo assim, essa pesquisa segue o conceito de Paradigma Emergente. Para Behren e Oliari (2007, p. 61) “O surgimento do paradigma emergente ou da complexidade tem como foco a visão do seu complexo e integral. [...]”, logo, o paradigma emergente, traz a visão do sujeito e do objeto como todo, considerando todas suas características. Assim, deve ser considerado todo o processo para a descoberta, ou seja, pensar também em um lado qualitativo. Isso possibilita que a pesquisa analise não só os sujeitos envolvidos, mas também o contexto do cotidiano onde estão inclusos.

### 3.1 Abordagem metodológica da pesquisa

Dada a importância da pesquisa científica, esta foi desenvolvida na perspectiva de uma abordagem qualitativa que para Galefi (2009, p. 17) é “[...]o lugar de reinventar a ciência para usufruto das necessidades relativas à existência humana universal instante [...]”. Porque as relações humanas não têm uma operação constante e mecânica, com resultados pré-programados, elas são inconstantes e variáveis, já que existe uma relação do cérebro com o corpo, situações pensadas e vivenciadas. Contribuindo com a discussão Godoy (1995, p. 62) esclarece que “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental”. Isso porque, as pesquisas qualitativas não têm como objetivo quantificar ou medir resultados; o foco são interesses amplos que são definidos conforme o desenvolvimento da pesquisa. A obtenção de dados é pelo contato direto com os sujeitos, pretendendo compreender o fenômeno do estudo a partir de suas perspectivas. Este tipo de pesquisa é a mais usada para observações empíricas porque permite a relação como o fato e o ambiente observado.

Marconi e Lakatos (2003) afirmam que a pesquisa qualitativa se constitui em um processo que envolve

[...] investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. [...] (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 188).

Com base nas autoras, a pesquisa qualitativa é a que se adequa ao tema escolhido, pensando que aqui não temos resultados exatos e sim um levantamento de conceitos e apropriação de novas descobertas. Logo, “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. [...]” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

Na elaboração do capítulo teórico desta pesquisa, foram realizadas as leituras dos autores que discorrem sobre família, alfabetização e a relação escola-família, sendo alguns deles, Andrade e Estrela (2016), Ariés (1986), Ferreiro (2010), Mortatti

(2004), Paro (2000) e Perez (2007). Esse levantamento bibliográfico foi de grande importância para construção da pesquisa, que segundo Marconi e Lakatos (2003) “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.(MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183).

Por isso, através desse levantamento bibliográfico, foi possível um conhecimento maior do tema pesquisado e um suporte teórico para realização e fundamentação da pesquisa, porque “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. [...] (GIL, 2008, p. 50), pois na realização da análise de dados é possível fundamentar os resultados da pesquisa com base em outras pesquisas já realizadas.

Para tal procedimento foi necessário maior aproximação com *locus* e os sujeitos da pesquisa, devido a isso optou-se pelo delineamento do estudo de campo que

[...] é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.186).

Através do estudo de campo, foi possível analisar e/ou criar hipótese para chegar ao objetivo da pesquisa, que permite a aproximação do sujeito em seu contexto. Sendo assim, o estudo de campo também é “[...] uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento da realidade presente no campo”. (NETO, 1994, p. 51). Assim é possível entender também as perspectivas dos sujeitos a partir do contexto ao qual estão inseridos, uma vez que este estudo possibilita obter um aprofundamento das características do contexto pesquisado que, segundo Gil (2008, p. 57) estuda-se “[...] um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnica de observação do que de interrogação”.

Deste modo, o estudo de campo possibilitará uma aproximação da realidade de onde a pergunta foi oriunda, sendo possível um contato com os sujeitos que estão inclusos nessa realidade. Neto (1994), afirma que o estudo de campo é um

momento relacional e prático, porque, o que nos leva a desenvolver a pesquisa são as inquietações do cotidiano. Esta pesquisa de campo tem um caráter exploratório-descritivo, uma vez que

[...] Obtém-se freqüentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc., para o estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades [...] (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 188).

Assim, o estudo em tela caracteriza-se de caráter exploratório-descritivo, pois, além de outros aspectos, são utilizados dados empíricos e teóricos, que podem trazer resultados quantitativos e qualitativos, além de permitir uma variedade de procedimentos de recolha de dados, os quais apresentaremos no próximo tópico.

### **3.2 Procedimentos de recolha e análise dos dados**

Para responder ao problema da pesquisa e respectivamente atender os objetivos, foram escolhidos para coleta de dados os seguintes instrumentos: observação participante, entrevista e pesquisa documental. A observação, Minayo (2011) define “[...] como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (MINAYO, 2011, p.70). Nesta pesquisa foi realizada a observação participante *pôr*, o *locus* da pesquisa fazer parte do meu contexto, já que foi a escola que estudei, e está localizada na minha comunidade de origem. Ela foi realizada em sala de aula, pensando em acompanhar o cotidiano dos alunos na escola, a qual, segundo Neto (1994, p. 59) “[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais e seus próprios contexto”. Assim foi possível manter contato com os alunos, possibilitando uma aproximação tanto do cotidiano escolar, com também da família, já que tentei observar, através das crianças, a participação da família no processo escolar. Logo, a observação participante “Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (MARCONI e LAKATOS,

2003, p. 194).. Também foi possível, neste procedimento de observação, perceber o desenvolvimento dos educandos, podendo identificar os níveis de contextualização da escrita e da leitura<sup>13</sup>.

Além disso, foi utilizada, também, a entrevista que, segundo Neto (1994, p.57) “[...] serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico”, além de complementar a observação e ser uma rica possibilidade de recolha de dados para uma pesquisa deste gênero. Minayo (2011) descreve o uso da entrevista como

[...] uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com visitas a este objetivo (MINAYO, 2011, p.64).

Com o intuito de fazer um levantamento da importância e de como as famílias podem ajudar no processo de alfabetização dos filhos, a entrevista foi realizada com os pais dos respectivos educandos observados em sala. Para essa pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada que possibilita ao pesquisador organizar “[...] um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal ” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 72). Dessa forma, possibilitou uma abertura para que fossem feitas outras perguntas a partir das respostas dos entrevistados e possibilitou uma conversa aberta sobre o assunto entre o pesquisador e o entrevistado. As questões do roteiro da entrevista foram formuladas a partir dos objetivos específicos dessa pesquisa.

Além disso, foi utilizada pesquisa documental, porque “Para fins de pesquisa científica são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno. [...]” (GIL, 2008, p. 147). Essa pesquisa foi realizada nos momentos das observações, onde o documento escolhido foi os cadernos dos alunos envolvidos na pesquisa, porque “Há uma série de escritos ditados por iniciativa de seu autor que possibilitam informações

---

<sup>13</sup> Tais níveis são respaldados na pesquisa realizada por Ferreiro e Teberosky (1999), a saber: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

relevantes acerca de sua experiência pessoal. [...]” (GIL, 2008, p. 150). As análises dos cadernos foram realizadas na perspectiva de observar um possível acompanhamento das atividades pelos pais.

Também foram realizados diagnósticos de leitura e escrita. Pois “[...] a avaliação diagnóstica configura-se como ferramenta essencial para direcionar e [...] conhecer os níveis que a criança apresenta no que se refere às habilidades envolvidas [...]” (NASCIMENTO e VIEIRA, 2016, p.47). Assim o diagnóstico possibilitou a identificação do desenvolvimento das crianças na escrita e leitura. O diagnóstico de escrita foi aplicado para identificar o nível de conceitualização da escrita pautado em Emilia Ferreiro e Ana Teberosky<sup>14</sup>. E o de leitura foi para identificar o nível de fluência e de compreensão leitora, pautada nos quadros avaliativos de Andrade e Estrela<sup>15</sup>.

Após a coleta de todos os dados, foi feita a análise e interpretação dos respectivos dados. Para Marconi e Lakatos (2003)

Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 168).

Foi feita a análise buscando entender a relação das respostas com os objetivos da pesquisa, para depois iniciar a interpretação que “[...] É a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. [...]” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 168). Neste momento foi realizada a interpretação com base nos referenciais teóricos que embasam o estudo.

Antes da realização do tratamento dos dados recolhidos por meio dos instrumentos aqui destacados, faz-se necessária uma abordagem acerca do campo pesquisado e dos sujeitos inseridos na pesquisa. É sobre isso que discutiremos no tópico a seguir.

### **3.3 Caracterização do campo e dos sujeitos da pesquisa**

---

<sup>14</sup> A referência utilizada foi o livro Reflexões sobre alfabetização de Emilia Ferreiro (2010).

<sup>15</sup> O livro utilizado foi Alfabetização e Letramento(s) na escola e na família de Andrade e Estrela (2016)

A presente pesquisa foi realizada na Escola Bernardino José de Souza, município de Mutuípe-Ba<sup>16</sup>, na comunidade Bom Jesus 2. Ela está situada no centro da comunidade, atendendo aos estudantes do município e de municípios vizinhos. O espaço físico da escola possui duas salas de aulas, sendo que o seu funcionamento acontece em horários opostos, nos turnos matutino e vespertino e são classes multisseriadas<sup>17</sup>. O ensino é de Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O público atendido em sua maioria é da classe popular, sendo que a renda é oriunda do trabalho da com a cultura da banana e do cacau. A escola está em permanente contato com a comunidade, já que o espaço é disponibilizado para atividades extraescolares a serviço da própria região.

A referida escola foi escolhida por três motivos: por pertencer a região da qual sou oriunda; por ser a que estudei durante o Ensino Fundamental I, além disso, foi nessa mesma instituição que fiz a observação que despertou o interesse de pesquisar sobre o referido tema. A sala selecionada como *locus* da pesquisa foi a que atende da Educação Infantil ao 2º ano do Ensino Fundamental. Os sujeitos da pesquisa obedecem ao critério de os filhos estarem no ciclo de alfabetização. Sendo assim, como a turma tem seis alunos no ciclo de alfabetização, foram selecionadas todas as crianças e suas respectivas famílias, além da professora da sala.

As crianças escolhidas são três do 1º ano do ciclo de alfabetização e três do 2º ano. As entrevistas foram feitas com as mães dos respectivos alunos, que têm a idade de 20 a 40 anos, todas com a profissão de lavradoras e com a professora que tem 32 anos, é formada em pedagogia desde 2005, tem dois anos de experiência na docência e reside na Zona Urbana do município.

Para iniciar a pesquisa procurei conversar com os possíveis sujeitos, expondo o tema da pesquisa e deixando claros os objetivos, para que eles se sentissem à vontade para participar. Após fazer essa aproximação, dei início a observação que foram feitas por duas semanas seguidas. Neste período acompanhei o desempenho das crianças em sala de aula e fiz uma análise dos seus cadernos. Após a observação, dei início às entrevistas<sup>18</sup>, com as mães dos alunos e a professora, que foram realizadas na casa dos respectivos participantes, sendo que todas as

---

<sup>16</sup> Cidade localizada no interior da Bahia, a 250 km da capital Salvador, na região do Vale do Jiquiriçá.

<sup>17</sup> Caracteriza-se como escolas que oferta simultaneamente várias séries em uma turma com a regência de um único professor, que podem ser chamadas também de escolas unidocentes, por conta da presença de um único professor (SOUZA e SANTOS, 2014).

<sup>18</sup> O roteiro das entrevistas pode ser encontrado nos apêndices.

entrevistas foram gravadas. Quase todas as entrevistas foram feitas em dias diferentes, já que as casas não eram próximas.

Com o termino das entrevistas, voltei à escola para aplicar um diagnóstico<sup>19</sup> de leitura e escrita com os alunos. Para isto, foram escolhidas uma lista de palavras, iniciando com polissílaba até chegar em uma monossílaba e uma frase que contenha umas das palavras antes escolhidas. Foi selecionada uma lista de material escolar<sup>20</sup> com as seguintes palavras: lapiseira, borracha, caderno, caneta, lápis e giz; e a seguinte frase: Estou com uma caneta preta. Para aplicar o diagnóstico, pedi para os alunos que escrevessem no caderno, como sabiam, o seu nome e as respectivas palavras e a frase. O diagnóstico de leitura foi feito com a leitura do texto “As borboletas”<sup>21</sup> de Vinicius de Moraes. Todas leituras foram gravadas.

Depois de todo o processo de recolha de dados no campo empírico, somado com o momento de exploração e apropriação de conceitos e referências que respaldam a temática em foco, chega o momento do tratamento, análise e interpretação dos dados para os achados da pesquisa, partindo dos objetivos e questões norteadoras. No próximo capítulo nos ocuparemos em analisar e apresentar os resultados obtidos durante todo o processo da investigação.

---

<sup>19</sup> A princípio os diagnósticos foi pensado para fazer uma comparação entre as crianças acompanhadas pela família e as não acompanhadas. Após as entrevistas, constatou-se que todas famílias faziam o acompanhamento. Mas devido ao tempo não foi possível retornar para mudar os objetivos da pesquisa.

<sup>20</sup> Foi feita a escolha de palavras relacionadas a lista de material escolar, por ser objetos que eles conhecem e estão presente no cotidiano escolar do aluno.

<sup>21</sup> O texto “As borboletas” foi escolhido, por ser um texto que estava sendo utilizado pela professora em sala, com os alunos do ciclo de alfabetização.

## **4 A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO: DESCORTINANDO SABERES, NARRATIVAS E CENAS NO COTIDIANO DA ESCOLA E DA FAMÍLIA**

No presente capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa tendo como o objetivo geral compreender se e de que forma a participação da família pode ajudar no processo de aquisição e apropriação da leitura e da escrita dos filhos. Para atender ao objetivo desta pesquisa o capítulo foi distribuído em três subtítulos, o primeiro intitulado “A participação da família no processo de alfabetização dos estudantes: coma a palavra pais e professores” apresenta a concepção dos entrevistados a respeito da participação da família no processo de alfabetização. O segundo “A contribuição dos pais no processo de aquisição da escrita e da leitura dos filhos: uma incursão no cotidiano familiar”, faz uma abordagem de quais são as práticas utilizadas pelas famílias para ajudar os filhos no processo escolar, a partir das entrevistas. E, por último, “A participação dos pais no processo de alfabetização dos filhos: uma relação possível?” o qual aponta, a partir dos dados colhidos na observação, se a participação da família influencia no processo da aprendizagem de leitura e escrita das crianças.

Para a preservação da identidade dos sujeitos da pesquisa foram elencados os seguintes nomes fictícios: Cravo, Crisântemo, Girassol, Jasmim, Lírio e Margarida para os alunos e Dália para a professora.

### **4.1 A participação da família no processo de alfabetização dos estudantes: coma a palavra pais e professores**

Respaldada nas discussões de Andrade e Estrela (2016), Paro (2000) e Perez (2007), que afirmam que a participação da família influencia diretamente no aprendizado dos filhos, aqui será descrito através dos dados colhidos na pesquisa, o que os pais e a professora acham da participação e influência da família no aprendizado das crianças.

Andrade e Estrela (2016) contribuem com a reflexão destacando que os pais têm um papel essencial no sucesso escolar dos filhos, pois a educação familiar contribui qualitativamente no desempenho das crianças na escola e também na

vida, com atividades simples do cotidiano. Quando foi perguntado as mães, que participaram da entrevista, se achavam importante a participação dos pais na vida escolar dos filhos, todas responderam que sim, porque contribuía de forma qualitativa no processo de aprendizagem das crianças. A mãe de *Crisântemo* relata<sup>22</sup>: *“Com certeza né? Porque assim,... a educação, ela começa de casa, [...], então os pais, com certeza, tem que ter bastante participação na vida escolar dos filhos, né?”* (MÃE de CRISÂTEMO, 2018). A mãe explicita que o acompanhamento deve existir, pois é em casa que começa todo o processo. Perez (2007) diz que a criança ao entrar na escola já traz com elas as aprendizagens da família, sendo elas o respeito, a cultura, a linguagem e valores que devem ser levados em consideração no seu processo de aprendizagem na escola.

As mães acreditam também que a participação da família permite que a criança tenha um desempenho maior, já que em casa são só os filhos, e, na escola, a professora tem várias crianças. É o que diz a mãe de *Margarida*, *“Acho sim! Porque a gente em casa já ajuda bastante né? Uma coisa que ela tava na escola... com dificuldade, a gente pode ir ajudando em casa. Eu mesmo faço assim com ela, [...], em casa, com um só a gente já consegue ir desenvolvendo mais.”* (MÃE de MARGARIDA, 2018). As mães entendem também que nestes momentos existem tanto aprendizagem dos filhos, como também de toda a família que acaba participando do processo, constatando que não é bom só para a criança, mas para toda família. Segundo Paro (2000) quando a família se envolve no processo de aprendizagem dos filhos possibilita que os pais desenvolvam práticas que vão contribuir tanto para família quanto para o desenvolvimento da aprendizagem dos filhos.

Confirmando a falas das mães, a professora afirma que o acompanhamento dos pais é muito importante, nas suas palavras, destaca:

*[...], a gente percebe que o aluno, que vem sendo acompanhado constantemente pela família, o avanço dele é diferenciado. Porque assim, comparado com o aluno que não tem esse acompanhamento da família, a gente percebe que avança, mas não tanto, quanto os que são acompanhados (DÁLIA, 2018).*

---

<sup>22</sup> Por opção da pesquisadora as narrativas foram transcritas da forma como foram verbalizadas, considerando a cultura, expressões e o lugar de fala de cada sujeito pesquisado.

A professora demonstra através de sua experiência em sala de aula, o quanto o acompanhamento dos pais faz diferença no aprendizado das crianças. E reforça dizendo que é preciso estabelecer sim, uma relação entre a escola e a família para um desenvolvimento maior dos alunos/filhos. Concordando com a professora, a mãe de Jasmim afirma que “[...] a educação caminha junto com a família.” (MÃE de JASMIM, 2018). A estimulação do ambiente escolar com o incentivo e acompanhamento da família criam condições para um bom desenvolvimento escolar,(PEREZ, 2007).

Em resposta se a família influencia no processo da leitura e escrita dos filhos, as mães disseram que sim, pois o acompanhamento que eles dão em casa favorece essa aproximação da criança com o livro. A mãe de Crisântemo diz que é “[...] compensador, quando pai e a mãe acompanha né, na leitura dos filhos, [...]” (MÃE de CRISÂNTEMO, 2018). Para a mãe esse acompanhamento possibilita que a criança desenvolva cada vez mais a leitura, já que a mãe e o pai estão presentes. Paro (2000), diz que é importante desenvolver hábitos de estudo na família e que seja desenvolvido antes mesmo de a criança ir à escola, pois os valores que são desenvolvidos no seio da família, costumam ser interiorizado mais do que o desenvolvido foram dela. Isso foi percebido nas falas da mãe de Margarida ressaltando sobre a escrita,

*[...]. Eu acho assim que a gente indo ensinando em casa, quando chega lá... já sabem alguma coisa. Margarida mesmo, já foi sabendo fazer o nome dela todo, completo. Antes a gente fazia em casa com ela. Quando eu botei na escola, ela já sabia fazer o nome dela completinho (MÃE de MARGARIDA, 2018).*

Nesta mesma concepção, a professora destaca o desenvolvimento das crianças para leitura ao revelar:

*[...] a gente percebe o incentivo da leitura [...], o contato na verdade com os livros. [...]. Até mesmo quando a gente faz uma roda de leitura, lá na sala, a forma como que eles contam e recontam a história, a imaginação deles, assim a gente percebe que é bem trabalhada, ou seja, incentivada pela família também. [...] eles têm aquela vontade de todos os dias: “pró, posso levar um livro?” [...], tem aquele interesse, aquela vontade de tá levando o livro, e na aula seguinte retornar, e já pegar outro que acha interessante pra tá levando pra casa. A gente percebe que isso também é incentivo dos pais, né? (DÁLIA, 2018).*

Essas duas falas ressaltam como a família influencia no processo de aquisição de leitura e escrita dos filhos, através de atitudes simples eles conseguem desenvolver práticas para ajudar na aquisição da escrita e da leitura. A mãe de Crisântemo diz que “[...], no dia que eu não consigo acompanha eu já vejo dificuldade. Então quando ele tem aquele acompanhamento todo dia, vai bem. [...]” (MÃE de CRISÂNTEMO, 2018). O acompanhamento que a mãe faz com o filho torna-se fundamental, para que ele possa superar as dificuldades encontradas nas atividades.

Andrade e Estrela (2016) citam que as habilidades de leitura e escrita desenvolvidas em casa pelas famílias são fundamentais para o sujeito aprimorar e desenvolver as habilidades leitoras e escritoras. A mãe de Cravo relatou que o filho aprendeu bastante a partir do acompanhamento feito em casa, destacando que acha muito interessante que as famílias reforcem em casa os assuntos dados pela professora. A mãe de Margarida descreve muito bem como esse acompanhamento ajudou a desenvolver a filha na leitura.

*[...]. Margarida mesmo, antes ele queria dizer a palavra assim. Ela dizia as primeiras palavras<sup>23</sup> e chutava o que era. Vaso ela dizia que era lito(riso), e aos poucos ela foi se disvolvendo. Ai ela já aprendeu a soletrar as palavras, entender o que ela soletrou e depois ela falar aquilo. Antes ela só falava as primeiras letras e oh! Chutava. Vaca era boi, porque ela olhava pra imagem sem ler a palavra (MÃE de MARGARIDA, 2018).*

Esse depoimento demonstra como o acompanhamento da família influenciou para o desenvolvimento da leitura de Margarida, por isso é necessário um acompanhamento por parte da família no processo escolar dos alunos/filhos.

Concordando com Paro (2000), Andrade e Estrela (2016), os dados afirmam que a participação da família possibilita um desenvolvimento maior para os alunos, que conseguem com a ajuda dos pais aprimorar suas habilidades de leitura e escrita, sejam pelas práticas de escrita e leitura desenvolvidas em casa, ou pelo acompanhamento nas atividades de casa. As mães demonstram que a parceria com a escola deve prevalecer, pois acreditam que as duas instituições devem compartilhar os momentos de aprendizagens dos alunos/filhos.

---

<sup>23</sup> Com o decorrer da entrevista, foi possível perceber que a mãe quis dizer “letra” quando citou “palavra”.

## 4.2 A contribuição dos pais no processo de aquisição da escrita e da leitura dos filhos: uma incursão no cotidiano familiar

A contribuição dos pais no processo de escolarização dos filhos é de extrema importância e cada vez mais, as discussões teóricas sobre essa contribuição tornam-se frequente, principalmente no que tange ao processo de aquisição de leitura e escrita das crianças. Paro (2000) diz que é necessário desenvolver em casa medidas, que venham a ajudar depois na escola, para que a criança consiga assimilar os conteúdos para o desenvolvimento social e pessoal. “[...]. A mais importante dessas medidas parece ser precisamente o desenvolvimento de valores favoráveis ao saber e à postura de estudar e interessar-se pelo aprendizado. [...]” (PARO, 2000, p. 34). Nas entrevistas os pais demonstraram quanto o acompanhamento do processo escolar dos filhos é importante, evidenciando uma extrema participação, tanto em casa, mas também com as visitas feitas a escola.

As mães relataram o constante acompanhamento dos membros da família nas atividades de casa. A mãe de *Margarida* ao responder se ela ajuda, e com ajuda na atividade relata que

*“Todo dia ajudo. Indo com ela leno, explicano como é... quando ela não entende, eu leio pra ela. Porque tem vez que ela lê, mais ela não consegue entender, aí eu vou leio pra ela, explico, ai que ela vai... ter base do que é. Eu faço isso pra ela entender, se ela não consegui entender ai o jeito é... eu digo pra ela é tal coisa. Ai na próxima pergunta ela já vai entender”. (MÃE de MARGARIDA, 2018)*

Assim, com a mãe de *Margarida*, todas as mães relataram que ajudam seus filhos nas atividades de casa. Estabelecem um tempo para o estudo, fazendo com que os filhos se dediquem por um determinado tempo para responder a atividade de casa e fazer as leituras. E ainda fazem uma sondagem sobre o que eles estudaram no período em que estava na escola. Como demonstrado no relato da mãe de *Girassol*, “ [...] Perguntando a ele quando chega em casa, ‘ô tem devê minino, pra fazer? A professora deu devê hoje? O que foi que a professora passou na escola? ” Essa fala demonstra a grande importância que as famílias têm dado ao acompanhamento feito em casa e além de ajudar na atividade, se utilizam de outras formas para que as crianças se sintam estimuladas. Como conta a mãe a seguir

*[...]. Incentivando... no caso você aqui em casa ensinando, pegando atividade corrigindo, incentivando que é bom, que tem que aprender, em tudo influência. Se eu [...] deixar ele a vontade, ele vai ser um menino que não vai ter influência, não vai ser incentivado, não vou tá*

*ajudando. Eu incentivando vai ajudar ele a melhorar, tanto na escola como em casa. (MÃE de LÍRIO, 2018)*

E a mãe de *Crisântemo* que contribui dizendo “[...]. Quando ele chega em casa, eu já olho a mochila dele, o que vem, se vem algum bilhete, é... qual é a atividade do dia, se tem no livro, se vem no classificador ou no caderno.” (MÃE de CRISÂNTEMO). Esse envolvimento da mãe na vida escolar das crianças é fundamental para que a criança consiga se desenvolver para a escrita e leitura. Como nos aponta Paro (2000) que, a ajuda em casa se refere desde o afeto, que a princípio pode parecer não estar relacionado com a vida escolar, como também a uma intervenção ostensiva, que está relacionado a ajuda nas atividades de casa. O autor faz uma ressalva dizendo que essa ajuda na atividade não é realizar as atividades pelos alunos e sim auxiliá-los. A fala da mãe de *Cravo* ressalta bastante sobre o auxílio, ao destacar que “[...]. Vou ensinando a ele, mais não eu pegando para escreve, viu? Eu leio, depois ele lê, e depois ele vai responder ” (MÃE de CRAVO, 2018). É nesse intuito que o autor fala sobre a ajuda na atividade, possibilitar para que a criança consiga responder a atividade.

Na entrevista foi perguntado quais as outras formas de apoio que são utilizadas pelas famílias para ajudar a desenvolver a escrita e leitura das crianças, o quadro a seguir apresenta algumas delas.

**Quadro 1. Identificação das formas de apoio utilizada pelas famílias**

<b>FAMÍLIAS DOS ALUNOS</b>	<b>AS FORMAS DE APOIO UTILIZADAS PELAS FAMÍLIAS</b>
Família de Cravo	Influência para leitura no livro didático; História da família.
Família de Crisântemo	Contaço de história; Acesso a livros; Atividades extras; Pede para crianças fazer outras leituras.
Família de Girassol	Contaço de história; Acesso a livros; Leitura de embalagens.
Família de Jasmim	Acesso a livros; Contaço de histórias; Disponibilidade de material para a escrita e desenho.
Família de Lírio	Contaço de história; Atividades extras; Acesso a livros; Histórias da família.
Família de Margarida	Uso do tablete, com jogos educativos; Acesso a livros; Contaço de histórias; Relatos sobre a família;

Disponibilidade de material para escrita, desenho e colagem.
--

Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

O quadro demonstra como as famílias se utilizam de outras formas para ajudar os filhos no processo de escolarização. Segundo Joly (1999) respaldado em uma pesquisa feita pela Associação Internacional para Avaliação das Realizações Educacionais (IEA)<sup>24</sup>, que o meio familiar é um dos ares cruciais para aquisição e competência da leitura e escrita, pois o estudo mostrou que “[...] a quantidade de leitura voluntária e o número de material de leitura disponível em casa correlacionam-se positivamente com o desempenho em leitura e escrita.” (JOLY, 1999, p. 24). Por isso a importância que as famílias desenvolvam com seus filhos outras práticas de leitura e escrita, além da que vem da escola. A mãe de *Jasmim* fala que é muito importante desenvolver outras atividades, e complementa dizendo “*Deixamos disponibilidade de livros para ela ler, conto história de livros. Ela gosta muito de escrever assim... nos quadros, pede pra colocar no quadro a cartolina, ali ela começa a desenhar, a escrever, e isso tem ajudado bastante*” (MAE de JASMIM, 2018)

Ferreiro (2010) e Colello (2004) defendem que essa disponibilidade de material deixado para as crianças se faz de extrema importância, porque é uma oportunidade de elas criarem o hábito de estar em contato com a leitura e escrita. As mães entrevistadas demonstram também que quando não tem uma disponibilidade de livros em casa, pede para que a professora mande da escola para fazer a leitura em casa com os filhos, é o que relata a mãe a seguir “[...]. *Contação de história também ele gosta muito de... que eu conte história pra ele, sempre mando trazer livros da escola, [...]*” (MÃE de CRISÂNTEMO, 2018). A fala desta mãe reafirma como é importante a relação escola-família e família-escola. E outro fator importante, que esteve presente em todas as falas das mães entrevistadas, é a contação de história, seja ela através de livros, oral ou da família.

Joly (1999) diz que o desenvolvimento com a leitura no início da escolarização está relacionado com a quantidade de leituras de histórias a criança teve contato, sendo que essas leituras em sua maioria tenham sido desenvolvidas

<sup>24</sup> Segundo as discussões apresentadas por Joly (1999) a Associação Internacional para Avaliações das Realizações Educacionais (IEA) investigou a relação entre as variáveis acadêmicas e o desempenho em leituras. Para isso foram avaliadas 32 escolas de países desenvolvidos e em desenvolvimento.

pelos pais. Por isso a autora afirma que os pais têm “[...] papel fundamental no desenvolvimento de seus filhos como futuros leitores e escritores.” (JOLY, 1999, p. 24). Assim, essas leituras feitas em casa despertam prazer na criança em ouvir as histórias, possibilitando que elas se interessem por fazer suas próprias leituras, fazendo com que seu empenho para descoberta seja maior. Sobre a história a mãe de *Margarida* relata que “[...] *Leio! Tem vez que, (risos), as noites dá. Quando eu não leio o pai lê, quando nada, um estrofizim de cada história. A gente conversa do passado e ela ouve, mas a gente não chega a contar uma história*”. (MÃE de MARGARIDA, 2018).

As histórias de família também são extremamente importância pois, possibilita aos alunos “[...] aprender mais sobre sua tradição, adquirir e refinar habilidades necessárias à vida diária e desenvolver um grande respeito pelas diferenças multiculturais que os possibilita torna-se únicos.” (JOLY, 1999, p. 26). Podemos perceber que as histórias de família possibilitam um autodescobrimento por parte do aluno, despertando sua curiosidade, sejam em relatos da família ou na história, é o que nos demonstra o relato da mãe de *Lírio* “*conto história, passo outras atividades, as vezes ele tem acesso a livros. Gosto de contar história, caso de família, contar o que aconteceu, sempre eu gosto, e pergunta muito, ele pergunta muito*” (MÃE de LÍRIO, 2018). A professora da turma em sua fala afirma o quanto as crianças gostam dessas histórias, e como ela percebe isso em sala

*“[...] a gente percebe no dia a dia conversando com essas crianças. Pode ser a coisa mais simples do mundo que aconteça em casa, mas se o pai e a mãe comentou, [...], algo do tipo, chegam assim na escola contando pra você, como se fosse uma novidade maravilhosa. E assim é... acabam contando em forma de história, até mesmo como se eles tivessem vivenciado algo que foi lá do passado, da vida dos pais, dos avós. [...] eles começam a imaginar como se eles estivessem vivendo ou vivido essas histórias que as famílias, os pais acabam trazendo pra eles”* (DÁLIA, 2018).

A fala da professora deixa claro com essas práticas influenciam no desenvolvimento das crianças na escola. A partir de uma atividade, contação de história, desenvolvida pela professora durante a observação constatou-se a desenvolvimentos dos alunos para fazer a contação da história, não só na leitura como também nas expressões.

As famílias também relataram do acompanhamento feito através das visitas à escola e a orientação para o comportamento das crianças no espaço escolar, o quadro a seguir apresenta as concepções das mães.

**Quadro 2. Concepções das famílias sobre quais ações considera importante para que a criança se desenvolva na escola.**

<b>MÃES</b>	<b>CONCEPÇÕES</b>
Mãe de Cravo	<i>Ensinar dentro de casa, o que é certo, o que é errado. É eu acho isso”</i>
Mãe de Crisântemo	<i>Acho que as visitas na escola. O pai e a mãe visitar na escola também pra tá procurando saber dos professores, como é que o aluno tá lá. É... fazer com que ele veja que você tá acompanhando ele o tempo inteiro, não deixar ele, é, é a mercê, do jeito que ele quiser. Acredito que quando ele vê o empenho da mãe e do pai, [...], que observa que tá acompanhando, ele tem mais interesse em fazer as atividades.</i>
Mãe de Girassol	<i>É..., importante é sempre tê ali, é... mandar todo dia para escola, é, todos os dias não faltar. [...]</i>
Mãe de Jasmim	<i>Está sempre participando de reunião, e procurar está visitando sempre a sala conversando com os professores, tudo isso.</i>
Mãe de Lírio	<i>Os pais têm que estar sempre acompanhando, né. No caso não é só palavra tem que ter ação, que as vezes a pessoa fala, fala, fala, mais tem que agir, tem que tá ali incentivando.</i>
Mãe de Margarida	<i>Várias né, mas a ação assim... em casa eu falo muito com ela, prestar atenção no que a professora fala lá. Sempre quando ela chega eu pergunto: teve alguma coisa hoje? Algum desentendimento? [...]. A gente vai incentivando a fazer as coisas certa, quando chegar lá na escola, não ter problema.</i>

Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

O quadro apresenta dados de como os pais acham importante a orientação em casa para a vida escolar, e a presença periódica destes à escola, demonstrando que o acompanhamento comportamental também é necessário para um bom desenvolvimento na escola e nos espaços da sociedade. No que diz respeito as visitas a escola Paro (2000) diz que “[...] é preciso que os pais estejam fisicamente presente, [...], para discutir questões pertinentes às dificuldades e ao progresso de seus filhos e receber orientação a respeito.” (PARO, 2000, p. 72). As visitas desses pais são quase frequentes a escola, segundo o relato da professora e as observações feitas, indo levar o filho ou até mesmo em uma visita para falar com a professora. Ela relata: “[...] eu tenho contato com alguns pais, bem mais do que

*outros. Os outros é bem pouco, [...], porque só vão quando tem reunião de pais. Mas, [...] assim regulamente por telefone, por bilhete ou até mesmo vai na escola pessoalmente. [...]*" (DÁLIA, 2018). Essa fala relata o quanto a família procura está presente no processo escolar, utilizando-se de vários meios de comunicação para estabelecer contato com a professora. Isso demonstra certo compromisso com a educação dos filhos.

Andrade e Estrela (2016) ressaltam essa importância de os pais estabelecerem um contato com o professor, mas também com a escola como um todo. Sendo elencado como algumas práticas podem ser promovidas pela família para ajudar no processo de alfabetização. Como apresenta as falas das mães no quadro, que procuram saber como a criança está, o processo da aprendizagem e o desenvolvimento pedagógico dos filhos. A professora reafirma quando diz

*[...] Eu percebo que as famílias é... assumem um pouco também essa responsabilidade de tá assim, intervindo pedagogicamente. Porque assim, a gente percebe que não é só aquele mecânico de pegar, [...] a atividade de casa, e do pai da mãe tá simplesmente explicando o contorno de letras ou de sílabas. A gente percebe que tem toda uma... metodologia. [...] os próprios pais estão, assim, se aprimorando em relação até mesmo... essa questão da metodologia [...], buscando ali, pesquisando pra tá aplicando para seus filhos em casa (DÁLIA, 2018).*

A professora em sua fala confirma como as mães tem acompanhado de perto todo o processo escolar dos filhos. Segundo Joly (1999) essa parceria família e escola como um todo, desde o simples acompanhamento nas atividades, a disponibilidade de matérias de escrita, o acesso aos livros e histórias, e o comparecimento dos pais a escola, contribui, de forma significativa para a apropriação da leitura e da escrita das crianças, possibilitando maior desempenho no processo de alfabetização.

#### **4.3 A participação dos pais no processo de alfabetização dos filhos: uma relação possível?**

Através das abordagens teóricas discutidas e dos dados da pesquisa, constata-se que a participação da família no processo de alfabetização dos filhos é de fundamental importância. Andrade e Estrela (2016), constatam através de pesquisa realizada, que a participação dos pais na vida escolar dos filhos, contribui

na concretização da alfabetização destas crianças. Quando perguntado as mães e a professora se elas consideravam que a contribuição da família poderia ajudar na consolidação da alfabetização dos filhos, todas responderam que sim, não só em relação ao acompanhamento, mas também ao incentivo que é dado por parte da família. É o que nos relata a professora Dália, que acredita que o incentivo dos pais seja de fundamental importância para o desenvolvimento dos filhos na escola.

*[...] através do incentivo, porque... se uma criança incentivada ela se sente mais segura, e assim desperta vontade e interesse pela busca, [...]. E assim, se os pais começam a buscar desde cedo a incentivar, a gente observa isso em qualquer lugar. [...], porque a criança ao ser incentivada ela começa a colocar sua mente pra viajar, né. É um mundo colorido<sup>25</sup> a mente da criança (DÁLIA, 2018).*

A fala da professora demonstra como ela percebe que, o incentivo dado pelos pais ajuda a criança em seu desenvolvimento não só na escola, mas também para a vida. A mãe de Lírio também fala do incentivo dado ao filho “*[...] Se os pais, eles não der apoio, não incentivar, tá ali é [...], tudo depende dos pais. [...], se os pais tá ali insistindo, persistindo, incentivando a criança, claro que vai ajudar, [...]. Assim possibilitando e dando uma força pra ele. Entendeu? ”* (MÃE de LÍRIO, 2018). Constata-se de acordo com as narrativas apresentadas (das mães e professora) que o acompanhamento e a participação da família no processo de escolarização dos filhos e que o contato das crianças com as diversas práticas de letramento e diversos gêneros de escrita, tem sido fundamental para a compreensão do sistema de escrita e leitura e o desenvolvimento dos filhos/alunos no processo da alfabetização. Para a sustentação da pesquisa os dados serão conferidos de acordo a aprendizagem dos alunos colhidas no decorrer da observação.

Para início serão apresentados os níveis de conceitualização da escrita dos estudantes, depois faremos a comparação com o acompanhamento das famílias e a participação nos eventos e práticas de letramento. Antes de tudo é necessário ressaltar que todas as crianças observadas nessa pesquisa são acompanhadas pelas famílias e vivenciam práticas de escrita e leitura no ambiente familiar.

**Tabela 1. Nível de escrita dos estudantes**

NIVEIS DE ESCRITA	QUANTIDADE DE ESTUDANTES
-------------------	--------------------------

<sup>25</sup> Com o gravador já desligado, a professora relata que ‘o mundo colorido’ está relacionado a criatividade da criança e a disponibilidade em participar dos momentos em sala.

Pré-silábico	0
Silábico	0
Silábico-alfabético	2
Alfabético	4
TOTAL	6

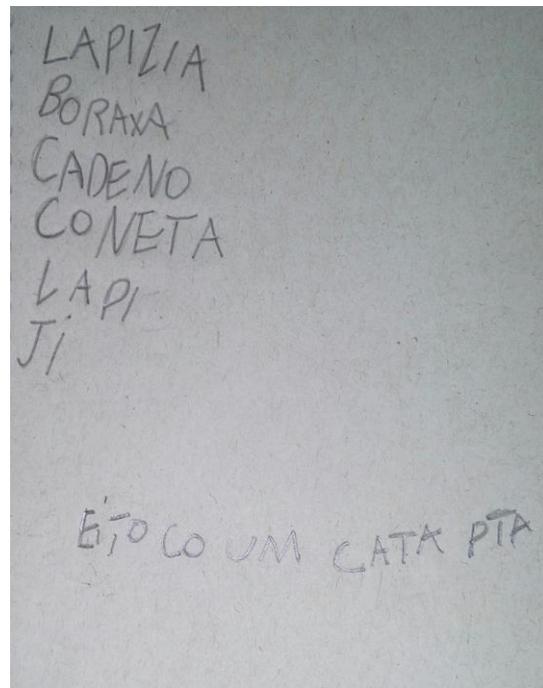
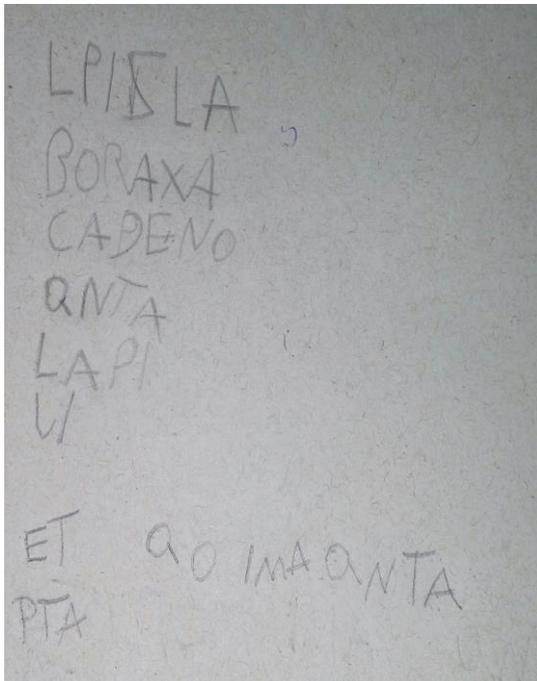
Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

Os dados apresentados na tabela demonstram que os níveis de conceitualização dos estudantes estão bastante animadores, considerando a realidade de muitas escolas públicas do ciclo da alfabetização, já que se encontram no nível silábico-alfabético e nível alfabético. As ilustrações a seguir mostram as escritas produzidas pelos estudantes no diagnóstico feito na observação. Para o diagnóstico<sup>26</sup> foi utilizada as palavras: lapiseira, borracha, caderno, caneta, lápis e giz, seguidos da frase “estou com uma caneta preta”.

### Escrita silábico-alfabético: Ilustrações 1 e 2

**Figura 1.** Escrita de Crisântemo

**Figura 2.** Escrita de Jasmim



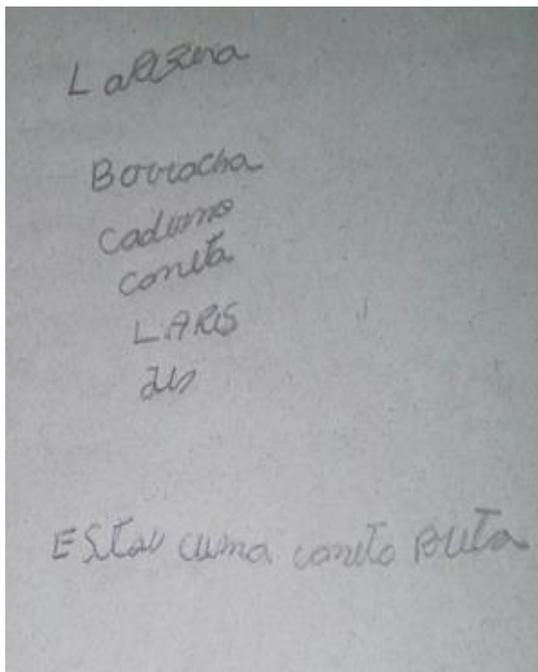
Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

<sup>26</sup> A referência utilizada foi o livro Reflexões sobre alfabetização de Emilia Ferreiro (2010).

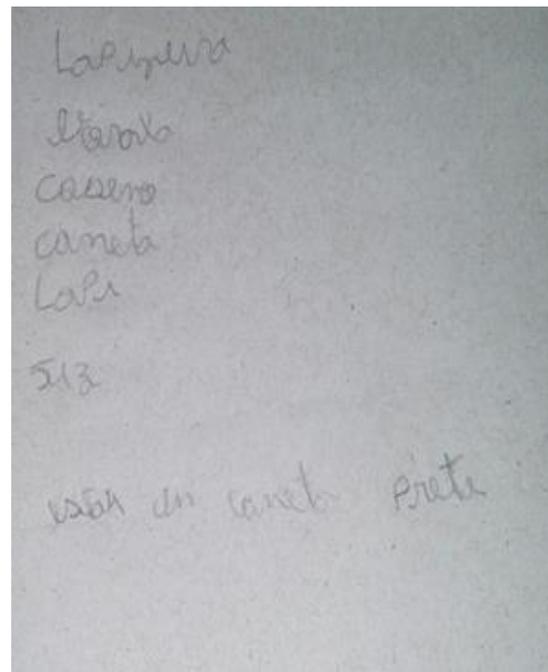
As duas escritas que estão nas ilustrações 1 e 2 é a representação da passagem da hipótese silábica para a alfabética. Ela é caracterizada pela fase em que, a criança reconhece a fragilidade do nível silábico e percebe que é preciso outros elementos na palavra e inicia a compreensão do nível alfabético. Segundo Colello (2004) na tentativa de acertar ele usa na mesma palavra os dois critérios, podendo se aproximar mais do silábico ou do alfabético. Observa-se que as escritas de Crisântemo e Jasmim se aproximam do alfabético. Essas crianças já tiveram um grande avanço na compreensão do sistema de escrita. Também foram apresentadas outras quatro crianças que já passaram por esses desafios e estão na escrita alfabética

**Escrita alfabética:** ilustrações 3, 4, 5 e 6

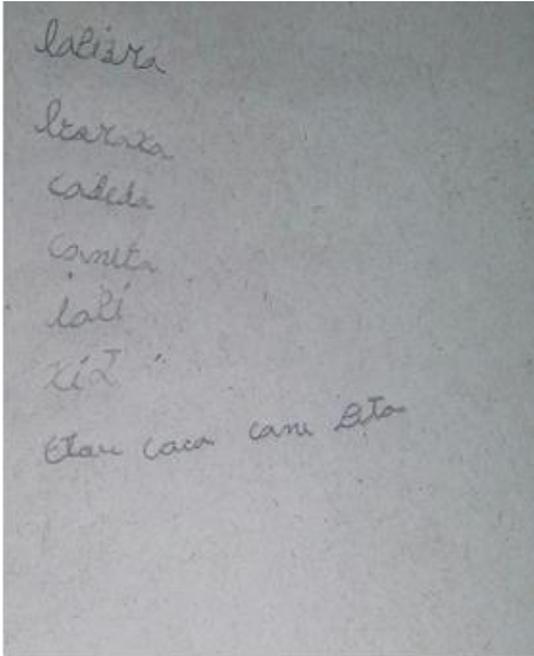
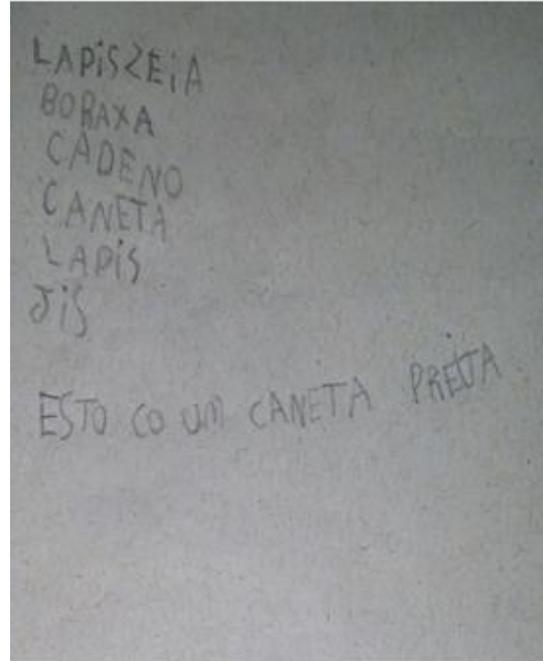
**Figura 3.** Escrita de Cravo



**Figura 4.** Escrita de Lírio



Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

**Figura 5.** Escrita de Margarida**Figura 6.** Escrita de Girassol

Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

As escritas evidenciam que as crianças já passaram por diversos desafios, mas agora já entendem a relação fonema e grafema, apesar de ainda não dominar algumas regras do sistema da escrita, é o que nos diz Colello (2004) “[...]. Se consideramos a ortografia, a pontuação, a acentuação, a divisão do texto em partes (palavras e parágrafos) ente tantas outras particularidades da escrita, pode haver ainda um longo e penoso caminho a ser percorrido.” (COLELLO, 2004, p.28). É importante destacar que das seis crianças, três estão no 1º ano e três no 2º ano do ciclo de alfabetização, sendo que duas crianças do 1º ano apresentaram o nível silábico-alfabético e uma do 1º ano e as três do 2º ano o nível alfabético. Segundo o Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), espera-se que o aluno no ciclo de alfabetização domine letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a escrever palavras e textos. Destacando que essas habilidades devem no 1º ano do ciclo iniciar e aprofundar, e no 2º ano do ciclo aprofundar e concretizar, sendo que no 3º ano é só para concretizar.

Os resultados da escrita obtido na pesquisa, confirmam que o acompanhamento da família e que as práticas de leitura e escritas vivenciadas no cotidiano familiar influenciam no processo de alfabetização dos filhos. A tabela 1 e as ilustrações vão de acordo a narrativa da professora que sempre constatou por

parte dos alunos que são acompanhados pela família um maior desenvolvimento no processo. E as narrativas das mães que a todo momento destacam que os filhos têm acompanhamento em casa e que há disponibilidades de materiais de leitura e escrita para os filhos. Sendo assim, é possível perceber a relação dos níveis de escrita com o acompanhamento feito pela família. Esses dados reafirmam discussões de outras pesquisas realizadas na área, dentre os quais estão Paro (2000), Andrade e Estrela (2016), Perez (2007) e Joly (1999), que defendem a participação da família no processo escolar dos filhos como fundamental para aquisição da escrita.

Além da escrita, também foi realizado um diagnóstico de leitura para verificar o nível de fluência de compreensão leitora dos alunos. Para Nascimento e Vieira (2016) a fluência na leitura é “[...] a capacidade que um leitor tem de ler com facilidade e naturalidade um texto. [...]” (NASCIMENTO e VIEIRA, 2016, p.80). Para realização do diagnóstico foi dado um texto para que eles fizessem a leitura. Começaremos com o nível de fluência que será apresentado na tabela 2 a seguir:

**Tabela 2.** Nível de fluência nas leituras dos estudantes

NÍVEIS DE FLUÊNCIA NA LEITURA	QUANTIDADE DE ESTUDANTES
Não lê	0
Não lê, mas reconhece palavras	1
Lê com dificuldades fazendo pausas	1
Lê com pouca fluência	2
Lê com fluência	2
TOTAL	6

Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

A tabela 2 apresenta um resultado que demonstra que existe uma dificuldade nos níveis de fluência de leitura. Através dos dados constata-se que: duas crianças estão lendo com fluência; mais duas lêem com pouca fluência e um lê com dificuldades e outro só reconhece palavras simples no texto. Entre os alunos, o que lê com pouca fluência e o que lê com dificuldades estão no 1º ano, os que lêem com pouca fluência são do 1º e 2º ano, e os dois que leem com fluência são do 2º ano do ciclo de alfabetização. Mas, apesar das dificuldades foi possível perceber o desenvolvimento de alguns deles no período da observação até a realização do diagnóstico, sendo que, de acordo aos dados da pesquisa, pode-se destacar que o acompanhamento da família pode ter influenciado de forma positiva. A Tabela 3, a seguir, apresenta o nível de compreensão leitora dos estudantes.

**Tabela 3. Nível de compreensão leitora dos estudantes**

<b>NÍVEL DE COMPREENSÃO LEITORA</b>	<b>QUANTIDADE DE ESTUDANTES</b>
Não compreende o sentido do texto	1
Localiza informações simples	3
Compreende o sentido do texto	2
Consegue elaborar inferências	0
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>

Fonte: Dados obtidos pela autora, 2018.

Os dados demonstram que três crianças conseguem localizar informações simples, duas compreendem o sentido do texto e apenas uma não compreende o texto. As crianças que compreende o texto estão no 2º ano, as que localiza informações simples duas estão no 1º ano e uma no 2º ano, e a criança que não compreendeu o sentido do texto está no 1º ano do ciclo de alfabetização. O resultado da pesquisa confirma, mesmo que seja de forma tímida, que a participação da família influencia na aquisição e compreensão da leitura dos filhos, então quanto maior for a participação da família, mais as crianças conseguem desenvolver suas habilidades.

Assim podemos constatar através dos dados da pesquisa que a participação da família e as práticas de letramento e escrita do cotidiano ajudam no processo de aquisição da escrita e da leitura das crianças. Joly (1999) afirma que

[...] nos lares onde há leitura frequente, quanto dos pais quanto das crianças, diálogo, acesso fácil e frequentes a materiais de leitura e escrita e as crianças são reforçadas positivamente sobre o seu desempenho em atividades relacionadas às habilidades específicas de leitura e escrita, seu desempenho acadêmico torna-se melhor (JOLY, 1999, p.25).

A discussão da autora respaldada por estudos, evidência como a participação da família influencia diretamente no desenvolvimento acadêmico dos filhos. Assim percebe-se a necessidade de estabelecer uma relação entre a escola e a família, a fim de favorecer melhores resultados no difícil processo de apropriação e consolidação da alfabetização.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Depois de um processo de estudos e pesquisas, pretende-se aqui não trazer conclusões definitivas, mas uma reflexão dos resultados obtidos na pesquisa. As investigações que foram realizadas revelaram muitos fatores que ajudaram a responder à questão levantada inicialmente, possibilitando a compreensão das respostas desse estudo. Foram momentos de compartilhar e construir novas aprendizagens.

Um dos pontos de discussão desse estudo foi compreender quais são as concepções dos pais e professores a respeito da participação da família na aquisição da escrita e leitura dos filhos. A análise dos resultados constatou que tanto os pais quanto a professora concordam com a relação família-escola enfatizando que a participação da família no processo de alfabetização dos filhos é de fundamental importância para o desenvolvimento da aprendizagem dos filhos/alunos.

Além das concepções dos pais e professoras, os resultados nos revelaram também que as contribuições dos pais para o processo de alfabetização dos filhos, são de extrema relevância para aquisição da leitura e da escrita. Foram relatadas diversas práticas de escrita e letramento no ambiente familiar, como: a ajuda na atividade de casa, as pesquisas feitas junto com os filhos, a disponibilidade de

materiais para escrita, o acesso aos livros e a contação de histórias. Constatando assim, que todas essas práticas influenciaram diretamente na aprendizagem das crianças. Foi observado também que para os pais irem às reuniões da escola, fazer visitas a sala para conversar com a professora e incentivar os filhos para estudar são também essenciais para o processo de escolarização dos filhos.

Respaldados pelas contribuições dos pais, através dos resultados, percebe-se que a relação da participação da família na trajetória da alfabetização dos filhos, está ligada ao sucesso acadêmico dos estudantes. Constatou-se que todas as crianças que tiveram o acompanhamento dos pais demonstram progresso nos níveis de escrita e da leitura. E que aqueles que tiveram maiores práticas de letramento e escrita em casa demonstraram um maior desenvolvimento. Com os resultados, podemos confirmar assim como em outras pesquisas, Andrade e Estrela (2016), Paro (2000), Perez (2007) e tantas outras, que a família influencia no processo de aquisição de leitura e escrita dos estudantes.

É importante deixar claro, que o acompanhamento da família não é o fator principal para a aprendizagem de escrita e leitura, porque segundo Andrade e Estrela (2016), apesar das pesquisas apresentarem que a constante relação da escola com a família e a participação dos pais influencia para o sucesso da aprendizagem dos alunos, não se pode colocar como categórica para o processo. Mesmo que a participação da família não seja o fator principal para a concretização da alfabetização, os estudos aqui apresentados e os resultados obtidos na pesquisa permite-nos pensar as possibilidades existentes na relação família-escola e escola-família. Sendo assim, essa relação possibilitará uma contextualização do ambiente escolar com o ambiente do cotidiano familiar das crianças, permitindo a elas visualizar situações de construção de conhecimento tanto em casa quanto na escola. Isso possibilita a criança visualizar que as práticas de aprendizagem e utilização do conhecimento da escola não divergem das práticas cotidianas das famílias.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. E. B.; ESTRELA, S. C. **Alfabetização e letramento (s) na escola e na família**: o processo de apropriação de leitura e escrita sob um olhar para além da sala de aula. Curitiba: CRV, 2016.

ANDRADE, M. E. B.; ESTRELA, S. C. **Alfabetização e letramento(s): possibilidades para uma prática articulada aos diferentes contextos**. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2017.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Último acesso: 13 de ago. 2018)

BEHRENS, M. A. OLIARI, A. L. T. **A Evolução dos paradigmas na Educação: do Pensamento Científico Tradicional a Complexidade**. Diálogo Educ., Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007.

COLELLO, S. M. G. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

COOK-GUMPERZ, J. **A construção social da alfabetização**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 25.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GALEFI, D. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: GALEFI, D.; MACEDO, R. S.; PIMENTEL, A.; HESS, R. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A. S. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

GONTIJO, C. M. **A escrita infantil**. Questões sobre a alfabetização. São Paulo: Cortez, 2008.

JOLY, M. C. R. A. Leitura o que sabemos e o que precisamos saber. In: WITTER, Geraldina Porto. (Org.). **Leitura: textos e pesquisas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999.

LAMY, G. A. A. Panorama da alfabetização no Brasil- uma introdução. In: HOELLER, S. A. O.; LAMY, G. A. A. (Orgs.). **Alfabetização em destaque**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

LIMA, M. G. S. B. **Os usos cotidianos da escrita e as implicações educacionais: uma etnografia**. Teresina: EDUFPI, 1996.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª edição. Editora S.A. São Paulo. 2003.

MINAYO, M. C. S. **Trabalho de Campo**: contexto de observação, interação e descoberta. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 30 ed. Petrópolis- RG. Vozes, 2011.

MOREIRA, L. V. C.; CARVALHO, A. M. A. **Família e educação: olhares da psicologia**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

MORTATTI, M. R. L. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2004.

NACIMENTO, C. V.; VIEIRA, M. L. (Org.) **Práticas de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria C. de Souza. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NOGEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 3ª ed. Pretópolis, RJ: Vozes, 2007.

PARO, V. H. **Qualidade de ensino**: a contribuição dos pais. 1ª ed. São Paulo: Xamã, 2000.

PEREZ, M. C. A. **Infância, Família e Escola**: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares. São Carlos: Suprema, 2007.

PÉREZ, C. L. V. Alfabetização um conceito em movimento. In: GARCIA, R. L. (org.). **Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes**. São Paulo: Cortez, 2008

SILVA, E. T. **Alfabetização no Brasil**: questões e provocações da atualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOUZA, E. C.; SANTOS, F. J. S. Educação rural e multisseriação: rompendo silêncio e indicando horizonte. In: SILVA, M; A.; CUNHA, C. (org.). **Educação básica: política, avanços e pendências**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

## **APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO**



### **CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezados (as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: A influência da família no processo de aquisição da leitura e escrita das crianças: descortinando interfaces entre família e escola para a conquista da alfabetização, de minha responsabilidade, Mariluz de Almeida Santos, graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral compreender se e de que forma a participação da família pode ajudar no processo de aquisição e apropriação da leitura e escrita dos filhos. Os procedimentos adotados serão através de observação, entrevista e análise de documentos.

A qualquer momento, os colaboradores poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.



## **APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL**



### **CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL**

Prezado (a) Senhor (a):

Solicito sua autorização para realização do projeto de pesquisa intitulado: A influência da família no processo de aquisição da leitura e escrita das crianças: descortinando interfaces entre família e escola para a conquista da alfabetização, de minha responsabilidade, Mariluz de Almeida Santos, graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral: compreender se e de que forma a participação da família pode ajudar no processo de aquisição e apropriação da leitura e escrita dos filhos. Para tanto, elegemos a metodologia de enfoque qualitativo, sendo o trabalho configurado como Estudo de Campo. Escolhemos como técnicas de coleta de dados a entrevista e a observação e análise de documentos.

A qualquer momento, os(as) senhores(as) poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa causar qualquer tipo de dano aos participantes, comprometo-me a reparar este dano, ou prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não forneceremos por ela qualquer tipo de pagamento.

### **Autorização Institucional**

Eu, \_\_\_\_\_, responsável pela instituição, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta Instituição. Sei que a qualquer momento posso revogar esta Autorização, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Amargosa - Bahia, \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Graduanda

---

Responsável Institucional

## APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**Título da Pesquisa: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS: DESCORTINANDO INTERFACES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PARA A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO.**

**Pesquisadora:** Mariluz de Almeida Santos

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Maria Eurácia Barreto de Andrade

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS

##### I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A)

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Cor: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Nível de Escolarização: \_\_\_\_\_ Quantas pessoas na família? \_\_\_\_\_ Quantos sabem ler e escrever? \_\_\_\_\_ Constituição Familiar \_\_\_\_\_

##### II. DADOS SOBRE AS CONCEPÇÕES ACERCA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS ESTUDANTES.

2.1 VOCÊ ACHA IMPORTANTE A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS? POR QUÊ?

2.2 NA SUA CONCEPÇÃO, A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA INFLUENCIA NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA DOS ESTUDANTES? EM CASO POSITIVO, DE QUE FORMA?

2.3 VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA NO DESEMPENHO DO SEU FILHO NA LEITURA E ESCRITA?

##### III DADOS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS FILHOS

2.1 VOCÊ COSTUMA AJUDAR E ACOMPANHAR O SEU FILHO NAS ATIVIDADES ESCOLARES? DE QUE FORMA?

3.1 QUAIS AÇÕES QUE VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTES PARA QUE A CRIANÇA SE DESENVOLVA NA ESCOLA?

3.2 QUAIS OUTRAS FORMAS DE APOIO SÃO UTILIZADAS PELA FAMÍLIA PARA FAVORECER O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS?

**IV. DADOS SOBRE A RELAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA TRAJETÓRIA DE ALFABETIZAÇÃO DOS ESTUDANTES**

4.1 SUA CONCEPÇÃO A ANTECIPAÇÃO DA CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO PELA CRIANÇA PODE SER INFLUENCIADA PELA FAMÍLIA? COMO?

Agradecemos a sua colaboração!

## APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**Título da Pesquisa:** A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS: DESCORTINANDO INTERFACES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PARA A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO

**Pesquisadora:** Mariluz de Almeida Santos

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Maria Eurácia Barreto de Andrade

### ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

#### I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Idade: \_\_\_\_\_ Formação: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Ano de Formação: \_\_\_\_\_ Tempo de experiência na docência: \_\_\_\_\_

Já participou de alguma formação continuada?

Qual(is)? \_\_\_\_\_

Já participou de algum curso sobre alfabetização?

Qual(is)? \_\_\_\_\_

Já participou de algum evento sobre as Relações entre família e escola? \_\_\_\_\_

Você gosta de trabalhar no ciclo de alfabetização? \_\_\_\_\_ Por quê? \_\_\_\_\_

#### II. DADOS SOBRE AS CONCEPÇÕES ACERCA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS ESTUDANTES

2.1 VOCÊ ACHA IMPORTANTE A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS? POR QUÊ?

2.2 NA SUA CONCEPÇÃO A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA INFLUENCIA NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA DOS ESTUDANTES? EM CASO POSITIVO, DE QUE FORMA?

2.3 VOCÊ PERCEBE DIFERENÇA NO DESEMPENHO NA LEITURA E ESCRITA DOS ESTUDANTES QUE SÃO ACOMPANHADOS PELOS PAIS? DE QUE FORMA?

### **III. DADOS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS FILHOS**

3.1 QUAIS AÇÕES DA FAMÍLIA VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTES PARA QUE A CRIANÇA SE DESENVOLVA NA ESCOLA?

3.2 QUAIS OUTRAS FORMAS DE APOIO PODEM SER UTILIZADAS PELA FAMÍLIA PARA FAVORECER O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS?

### **IV. DADOS SOBRE A RELAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA TRAJETÓRIA DE ALFABETIZAÇÃO DOS ESTUDANTES**

4.1 SUA CONCEPÇÃO A ANTECIPAÇÃO DA CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO PELA CRIANÇA PODE SER INFLUENCIADA PELA FAMÍLIA? COMO?

Agradecemos a sua colaboração!

## APÊNDICE E - DIAGNÓSTICO COM OS ESTUDANTES



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**Título da Pesquisa: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS: DESCORTINANDO INTERFACES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PARA A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO.**

**Pesquisadora:** Mariluz de Almeida Santos

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Maria Eurácia Barreto de Andrade

### DIAGNÓSTICO COM OS ESTUDANTES

#### DIAGNÓSTICO DO NÍVEL DE CONCEITUALIZAÇÃO DA ESCRITA SEGUNDO EMÍLIA FERREIRO E ANA TEBEROSKY

1. ( ) NÍVEL PRÉ-SILÁBICO
2. ( ) NÍVEL SILÁBICO
3. ( ) NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO
4. ( ) NÍVEL ALFABÉTICO

#### SUGESTÃO DE PALAVRAS:

LAPISEIRA  
BORRACHA  
CADERNO  
CANETA  
LAPIS  
GIZ

**FRASE:** ESTOU COM UMA CANETA PRETA.

## DIAGNOSTICO DO NÍVEL DE FLUÊNCIA E COMPREENSÃO LEITORA

### NÍVEL DE FLUÊNCIA NA LEITURA

ESTUDANTES	Não lê	Não lê, mas reconhece palavras	Lê com dificuldade, fazendo muitas pausas	Lê com pouca fluência	Lê com fluência

### E O NÍVEL DE COMPREENSÃO LEITORA

ESTUDANTES	Não compreende o sentido do texto	Localiza informações simples do texto	Compreende o sentido do texto	Consegue elaborar inferências

## APÊNDICE F - TEXTO UTILIZADO PARA O DIAGNOSTICO DE LEITURA



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**Título da Pesquisa: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS: DESCORTINANDO INTERFACES ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA PARA A CONQUISTA DA ALFABETIZAÇÃO.**

**Pesquisadora:** Mariluz de Almeida Santos

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Maria Eurácia Barreto de Andrade

### TEXTO UTILIZADO PARA O DIAGNOSTICO DE LEITURA

AS BORBOLETAS

BRANCAS  
AZUIS  
AMARELAS  
E PRETAS  
BRINCAM NA LUZ  
AS BELAS BORBOLETAS.

BORBOLETAS BRANCAS  
SÃO ALEGRES E FRANCAS.

BORBOLETAS AZUIS  
GOSTAM DE MUITA LUZ.

AS AMARELINHAS  
SÃO TÃO BONITINHAS!

E AS PRETAS, ENTÃO  
OH, QUE ESCURIDÃO!

VINICIUS DE MORAIS